

E_xpediente

Copyright © by Editora In House, 2023

Elaboração da ficha catalográfica Editoração e acabamento
Gildenir Carolino Santos Editora In House
(Bibliotecário)

Revisão gramatical
Pérsio L. Marconi
Rosalie Gallo Y Sanches

Imagens e fotos
www.freepik.com
Acervos históricos

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por
Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Kapiiura [recurso eletrônico]. – v.4, n.6 (2020-). – São José do Rio Preto: Academia Rio-pretense de Letras e Cultura (ARLEC), 2020-1 recurso digital : il.

Periodicidade semestral.
Disponível apenas online.

1. Contos brasileiros – Periódicos. 2. Prosa brasileira – Periódicos.
3. Cultura – Periódicos. 4. Literatura brasileira – Periódicos.
- I. Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

P20-010

CDD – B869.05

Publicação semestral
on-line da

**ARLEC -
Academia Rio-pretense
de Letras e Cultura**

Fundada em 31/07/2008

Endereço:

Av. Anísio Haddad, 6751

Jd. Francisco Fernandes

CEP 15.090-305

São José do Rio Preto/SP

CNPJ (MF). nº 10.671.587/0001-14

E-mail: arlecriopreto@gmail.com

Site: www.arlec.com.br

Siga-nos nas redes sociais.

Jornalista responsável: **Cecília Demian - MTB 39.119**

Projeto gráfico: **Márcio Martelli**

Edição: **Editora In House 11 99903-7599**



“Verba Volant, Scripta Manent”
(As palavras voam, mas
permanecem quando escritas)

Presidente

João Roberto Saes

1º. Vice-Presidente

Eudes Quintino de Oliveira Junior

2º. Vice-Presidente

Alberto Gabriel Bianchi

1º. Secretário

Pérsio Luís Marconi

2ª. Secretária

Elma Eneida Bassan Mendes

1ª. Tesoureira

Loreni Fernandes Gutierrez

2º. Tesoureiro

Antonio Florido

Diretora Cultural

Rosalie Gallo Y Sanches

Diretora de Patrimônio

Patrícia Reis Buzzini

Diretor de Relações Públicas

Waldner J. Lui

Conselho Fiscal:

Norma Villar

Jocelino Soares

Vera Márcia P. Milanese

Conselho Editorial:

Eudes Quintino de Oliveira Junior

Pérsio L. Marconi

Rosalie Gallo Y Sanches



Sumário

ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

RAUL MARQUES

Raul por Raul..... 5

ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

HELENA DE SOUZA 8

Lacuna 9

Do passado ao amanhã..... 9

Tarefa..... 9

Contradição..... 10

Estranhamento..... 10

Quando..... 11

Escolha 11

Escrever / ler 11

ACADEMIA CONVIDA PARA ARTE

CIBELI FELIPPE 12

ALBERTO GABRIEL BIANCHI

Esperança..... 14

Nunca soube as razões 15

Sonho..... 15

ROSALIE GALLO Y SANCHES

A meu, um grande pai 16

PÉRSIO L. MARCONI

Excessos carnavalescos e étlicos 19

EUDES QUINTINO DE OLIVEIRA JUNIOR

A toque de caixa..... 20

LORENI FERNANDES GUTIERREZ

A colina sussurrante de flores pérolas 22



NIDIA PUIG VACARE TEZINE

Andanças	24
Choros	25
Cinismo a si mesmo	25

JOSÉ LUIZ BALTHAZAR JACOB

Aprender e apreender	26
----------------------------	----

CLEBER JUNIO FALQUETE

Rio congelado	28
---------------------	----

ISABEL PIMENTA HERNANDES

À ARLEC, com carinho	30
----------------------------	----

ELMA ENEIDA BASSAN MENDES

Cega, surda, muda e lenta	32
---------------------------------	----

MARIA HELENA CURTI

“O que essas ABAYOMIS vieram fazer na minha praia? Presente precioso que a arte me dá!.....	33
---	----

HOMENAGEM - PATRÍCIA REIS BUZZINI

A presença de Alfredo Leme Coelho de Carvalho no acervo do Jornal Diário da Região	34
---	----

HOMENAGEM - ROMILDO SANT'ANNA

Wilson Romano Calil Presença da Voz (ou Erigindo-se um Prefácio)	38
--	----

HOMENAGEM - LORENI FERNANDES GUTIERREZ

Dr. Alejandro Caballero: Um fidalgo nas letras.....	42
--	----

HOMENAGEM - ELMA ENEIDA BASSAN MENDES

Domingo Marcolino Braile Que falta imensa ele me faz... ..	44
---	----

HOMENAGEM - JOÃO ROBERTO SAES

Carlos Del Nero, um grande sonhador.....	48
--	----

JOÃO ROBERTO SAES

Nino	49
------------	----

WALDNER LUI

R.I.P. Hurra, Loreni.....	50
---------------------------	----

PAULO CESAR NAOUN

ALZHEIMER, a assombração dos idosos	52
---	----

SAMIR FELÍCIO BARCHA

Água Subterrânea: uma riqueza a ser explorada na região.....	54
--	----

LAMARTINE DE ANDRADE LIMA

Entrevista com o Acadêmico Lamartine de Andrade Lima	56
--	----

LELÉ ARANTES

O caçador de leopardas	60
------------------------------	----

RELAÇÃO DE INTEGRANTES DA ARLEC

CONSELHO EDITORIAL

Ponto Final	64
-------------------	----





E ditorial

*Não tenho pressa. Pressa de quê?
Não têm pressa o sol e a lua: estão certos.
Ter pressa é crer que a gente passe adiante das pernas,
Ou que, dando um pulo, salte por cima da sombra.
Não; não tenho pressa..*

Alberto Caeiro

O tempo, sempre o tempo. Ele que nos faz pensar e relembrar memórias, vislumbrar um futuro que sequer saberemos se chegaremos a ver e que nos traz rugas, marcas de sabedoria e contemplação.

15 anos! Que lindo *debut* para a ARLEC! Como editor e atual presidente da AJL – Academia Jundiaense de Letras, parabênzimo tal feito à cultura rio-pretense. A academia é a luz que incandeia mentes despertando poesia e o reconhecimento do pertencimento cultural de uma região.

E esta edição traz grandes inspirações. Em *A Academia convida* temos:

- A prosa e a obra de **Raul Marques**;
- A poesia de **Helena Souza**;
- A arte de **Cibeli Felipe**.

Os acadêmicos se apresentam em:

- **Crônicas:** Alberto Gabriel Bianchi, Pérsio L. Marconi, Eudes Quintino de Oliveira Junior, Loreni Fernandes Gutierrez, Elma Eneida Bassan Mendes, Waldner Lui, Lelé Arantes e João Roberto Saes (atual presidente da ARLEC).
- **Poesia:** Nidia Puig Vacare Tezine.
- **Memória:** Rosalie Gallo y Sanches.
- **Artigos:** José Luiz Balthazar Jacob, Paulo Cesar Naoum e Samir Felício Barcha.
- **Conto:** Cleber Junio Falquete.
- **Aquarela:** Maria Helena Curti;
- **Entrevista:** Lamartine de Andrade Lima.
- **Homenagem:** à ARLEC por Isabel Pimente Hernandes.

E para deixar esta edição ainda mais especial, os atuais acadêmicos Patrícia Reis Buzzini, Romildo Sant'Anna, Loreni Fernandes Gutierrez, Elma Eneida Bassan Mendes e João Roberto Saes **homenageiam os imortais** que partiram para o parnaso eterno.

Kapiiuara encerra com a coluna Ponto Final que reflete o movimento intelecto-cultural que a ARLEC proporciona à região. A mim, cabe parabenizar e confessar que me sinto honrado por participar desta comemoração. "O tempo não para e no entanto ele nunca envelhece" – muito sábio esse Caetano. Resta a nós agradecer e festejar. Viva a ARLEC!

Márcio Martelli (*Escritor e editor*)

Presidente da AJL - Academia Jundiaense de Letras



Academia convida para

P

rosa

Raul por Raul

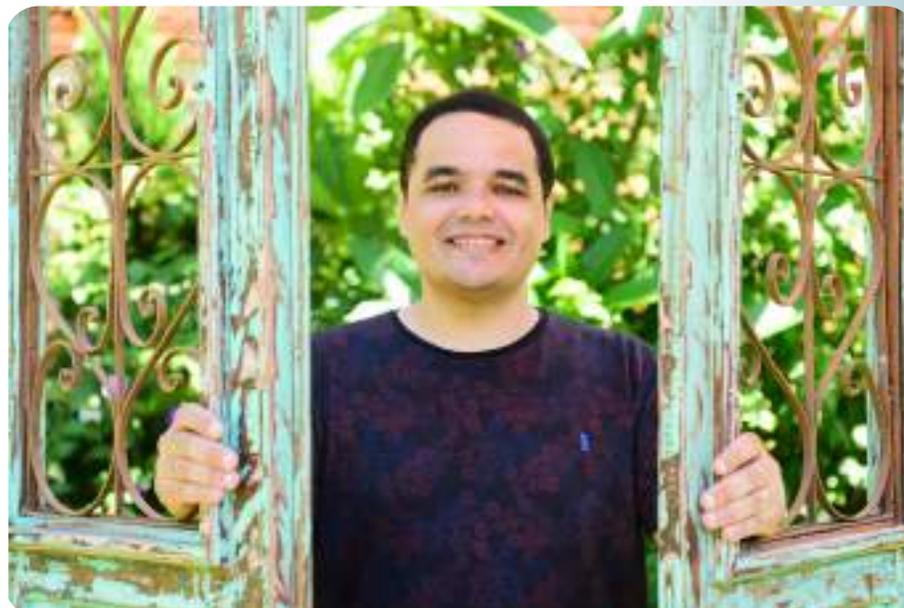


Foto: divulgação

Durante 12 anos, Raul Marques trabalhou no jornal *Diário da Região*, de São José do Rio Preto (SP), como repórter, chefe de reportagem e repórter-especial. Escreveu mais de 200 matérias especiais e visitou o Haiti em 2009 para produzir uma reportagem sobre a intervenção da ONU. Paralelamente à trajetória de jornalista, iniciou a sua carreira literária, com a edição de duas obras de poesia, *Fim do Silêncio* e *Depois do Silêncio* (7Letras). Em 2016, passou a se dedicar exclusivamente aos livros, que se concentram em campos como literatura infantojuvenil (área com mais publicações), biografia, poesia e história de empresas. Tem 21 obras publicadas e editou muitas outras.

Venceu os Prêmios Cátedra Unesco de Leitura, Nelson Seixas de Literatura, PROAC-Municípios e PROAC-LAB de realização. E chegou à final de premiações nacionais e internacionais, como

Barco a Vapor, Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ), 4º Prêmio Afeigraf de Literatura Infantil, Off Flip e Academia Internacional de Literatura Brasileira, organizado pelo Focus Brasil de Nova York. Na literatura infantil, publicou *A menina que adora perguntar* (Serifa), *A revolução das crianças* (Pernalux), *O menino que reinventou o mundo* (Letramento), *As histórias* (Sowilo) e *O caminho da escola* (Aletria), que, em 2023, foi aprovado no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Ministério da Educação, e participou da Feira do Livro Infantil de Bolonha, na Itália.

Nas publicações proporcionadas por edital ou premiação, tem o hábito de criar contrapartidas que contemplaram gratuitamente, com parte representativa dos livros, crianças carentes, escolas da periferia, comunidades e instituições sociais, com foco em democratizar o acesso à



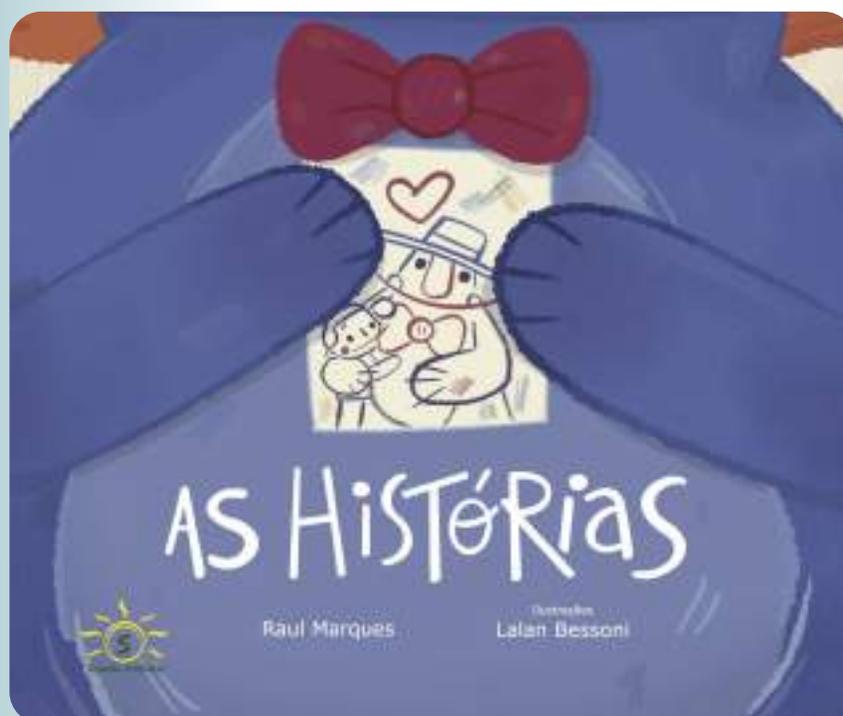
cultura e à literatura. Desde 2020, desenvolve o projeto “Vamos criar uma biblioteca?”, que incentiva a leitura. Arrecadou cinco mil exemplares que foram doados para sete escolas públicas, uma da Bahia e seis de Rio Preto.

É responsável por uma coluna quinzenal do jornal Diário da Região. Cursa especialização em

literatura infantil e juvenil. Membro da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ). Agora, prepara o lançamento do livro infantil *Girassolino* (Miraculus) e de seu primeiro romance.

@raulmarquesescritor

www.raulmarquesescritor.com.br





Trecho do livro
O caminho da escola,
onde a menina Sara conversa com seu irmão, Alef.

Para passar o tempo, brinquei com Alef com muita imaginação.

Eu perguntava, ele respondia.

Qual cor prefere entre amarelo e vermelho?

— Laranja — rebateu — para me provocar.

Uma comida especial?

— Qualquer uma, desde que sem cebola.

O que vê à direita?

— Prédios enormes e carruagens douradas pelas ruas!

E à esquerda?

— Uma casa mágica. De fora, parece pequena. Mas tem a competência

interminável de receber quem precisa de ajuda no mundo.

O que há no chão?

— Um tapete verde que leva ao melhor dos reinos.

E adiante?

— Uma floresta e um oásis cheio de água tão fresca que eu não terei vontade de ir embora.

Oásis... O que é isso?

— Um lugar que represa água no deserto. Ao seu redor se forma um campo,

onde a vida se renova. É difícil de ser encontrado.

Do que sente falta?

— De água, ora. Se eu tivesse direito a um desejo, pediria um rio grandioso para

acabar com a sede e a fome de todos.

Qual o seu maior medo?

— Vamos mudar de assunto.

Alef parecia mais sonolento.

Livro editado pela Aletria e aprovado no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2023, do Ministério da Educação, para distribuição nas escolas públicas brasileiras.



Poesia

Não há como apresentar essa preciosa arte-sã da palavra. Tudo o que eu escrevesse, tudo o que pretendesse escrever e todos os meus poucos artifícios não retratariam o forte brilho de seu quilate literário.

Tive o prazer de ter estudado com ela em tempos de quando o Ensino Médio era subdividido em três tendências profissionais: normal, científico e clássico, o curso que fizemos em Votuporanga.

Depois, juntas, cursamos Letras, na FAFI, em São José do Rio Preto, quando ainda nem existia a UNESP. Dividimos sonhos, amigos, risadas e algum choro em alguns quartos de pensão durante os quatro anos de faculdade. Aos fins de semana viajávamos juntas, de ônibus, pela estrada de terra que unia as cidades, cantando Lobo bobo e Maria Ninguém, como se nela nos espelhássemos, sem sequer imaginar o que seria de nós, no futuro que não esperávamos. Mas ele chegou. Nele, casamos, tivemos nossos filhos e mesmo de longe, sempre estivemos perto. Que louca seria eu se me afastasse dessa fonte de luz, silenciosa, abundante e tímida!

Hoje, contudo, não resisto. Preciso que conheçam um pouco dessa grandeza de pessoa nascida Maria Helena de Oliveira, a menina tímida que se tornou a grande Helena Souza. Aquela que prefere se esconder em silêncios, em letras escondidas e até em rosto pintado, já aposentada, amalgamando sua voz no conjunto do Coral Canto Livre; encontrável quase anonimamente no site Recanto das Letras (<https://www.recanto->

Helena de Souza

Rosalie Gallo y Sanches

Cadeira 29

dasletras.com.br) e identificada como Helena Helena – isso porque vale por duas! – e assim autor-retratada:

“Antes de tudo... amo a palavra, este signo quase sempre arbitrário que nos traz à mão qualquer coisa que habita o real e o imaginário, o presente e o distante, o momento e o remoto e o futuro, e o tudo de fora e o dentro de cada um.

Amo a palavra e todas as suas letras de qualquer língua. Acolho-a com meu desconfiado amor. Amor meio que despreparado por não se sentir por completo correspondido. Por isso escrevo amadora e intermitentemente. Vivi entre as palavras de escritores inteiros, profissionais, maduros. Quase todos mortos de palavras tão vivas, alguns bem vivos de palavras todo dia crescendo e brilhando.

A todos agradeço o ingresso aos seus mundos de desabrochados e desautomatizados dizeres. Deram-me a coragem. Eis que aqui estou deixando a porta entreaberta.”

Convido-os, então, a aproveitar a chance e entrar em seu mundo. Tenho certeza de que vão gostar!



Foto: divulgação

Lacuna

Desabitada.

Cresce o mato nas ranhuras do cimento.
Nenhuma voz chama ou expulsa,
Nenhum gesto cruza a porta,
Nenhuma vontade sai ou entra.

Nada é ditado pela intenção,
Pousam os pássaros nas árvores,
Os ipês ostentam a beleza efêmera,
O frio açoita o ar que flui.
O mais é o silêncio que geme.

Assim minha alma,
Desabitada...

Do passado ao amanhã

Venho de minha infância:
O pão e o leite à porta,
A laranja e qualquer fruta às dúzias,
Tamarindos pendendo nas árvores
E mamonas, chuchus, buchas
Crescendo nas cercas, no solo sem dono.

A escrita – porta para o livre, para o outro mundo.
O estar entre os livros abertos, salvadores,
Para entender cores e dores.

Tanto do tanto considerado, nada abandonado.
Tudo do tudo respirado.

E estou aqui, desenho do que sinto,
O que acho perceber,
O que nem sei,
Se algum dia, por merecer,
Tive ou terei.



Tarefa

Vai, Maria, ara a terra cuidadosa,
Escolhe folhagens e flores,
Tinge os dedos de barro,
Lê os manuais sobre a flora,
Chora na raiz, para que vire luz.

Prega-te toda noite na cruz,
Espera pelo milagre,
Anseia alguém que consagre
Tua verdade e coragem.

Tudo certo, parecendo sempre certo!

O Sol arde,
A chuva cai,
O dia raia,
A noite escurece.

O natural rege cada dia,
O ordinário f=grita a cada tarde,
O prosaico canta a cada ocaso,
E, Maria, afoga-te na verdade.

Sem flor, sem árvore,
Sem milagre, sem saudade,
chora a cada abraço na tela.
mas obriga, Maria a vida a ser bela!





Contradição

Hoje não é um bom dia para a poesia.
A alma não amanheceu estragada
Nem jogada a um quarto do quarto.
Amanheceu em transparente momento,
Acendeu luzes fininhas na janela,
Escutou a aldrava agitada pelo vento.

Pode entrar, Mais um dia, diz ela...
Senta-te comigo à mesa,
Alimenta-te de meu pão sem glúten,
Bebe de meu leite ordenado.
Hei de enfeitar a casa com argolas,
Com berloques, com suspiros,
Com vontades, sem gaiolas,
Com carinhos de melaço
Cortados em pedaços.
Mas não haverá qualquer poesia.
Hoje não é um bom dia.

É dia para plantar flores,
Para arrumar corredores,
Para tirar poeira dos vidros,
Para fazer comida,
Para varrer a calçada,
Para soltar o contido.

Amanhã talvez a alma amassada retorne para a mansarda.
Talvez chore ajoelhada
Diante do santuário.
Então. Chamarei a poesia,
Estará em sua casa
Com saudade, sem alegria
E planará nos céus,
Abrindo amplas as asas.
Esse será o seu dia.

Estranhamento

Apanho tanto de tantos desmaiados ardores,
Quase dos quase animados brilhos.
No lado do sonho grita a imagem absurda.

Limpa-se a sujeira com a pele usada.

Torci o pano, expulsei os insetos,
Passei e passei os lençóis,
Mas a fronha restou amassada.

Nada importa

Revoltaram-se as cerejeiras,
Em semi ou tom diverso,
Escandalosamente
Desenham no ar falsificado
Suas cores lindas, verdadeiras,
Dignas do fim do reinado,
Dignas da cantiga mais triste,
De agora, de ontem e de mais nada.



Foto: divulgação



Escrever / ler

Ela escreve
como se limpasse o solo
para plantar,
tão estreito é o abraço
de uma palavra na outra.

Nesta casa / cenário,
ou que seja a própria pele,
também caminho.
Mas há diferenças.

Ela narra em primeira pessoa
e ousa, portanto,
mostrar-se.
Não me enfeito de um eu-leitor,
Sou eu mesma a arrepiar neste
verão.

A outra diferença é
que sou um sujeito sem predicado.
Ou um não-sujeito,
uma frase nominal
ou uma não-frase.
Uma palavra solta,
em estado de dicionário.
Ou uma palavra sem referente.

Ela escreve.
eu assino.



Quando

Quando o dia clarear,
Aguentarei a luz?
Quando o som cortar a bruma,
Carregarei o que fiz e pus?

Meus braços fracos
Caem em verticais paredes,
Limitam acolher e receber,
Enterram no mar as redes.

Que lá apodrecerão.
Que lá apodrecerão.

Sem alimento, o corpo, também rede,
Deixará em si o tempo coar
A dor, a cor, o calor do fogo que arrasa
De cada sonho a asa.

O voar livre e solto
Será um sonho no ar do vivido,
No ontem cosido em ponto cheio,
Na vala cavada no concreto,
No planar que carrega em seus braços
O ardido do desastre.

Escolha

Quer fresta na parede apertada,
Quer flor na funda vala disfarçada,
Se o ar falta, clama ao vento a presença,
Sob seus pés, conserva a desavença.
No ar selvagem nada a natureza,
Na má palavra flui o bom engano,
No real sonho se veste a crueza,
E navega para matar o dano.
Mas o longe diz palavras estreitas
Tendo no peito, carvão e nada,
Ângulo agudo de dores perfeitas,
A realidade mata a poesia,
A alma em arte cria a verdade,
Ao poeta cabe a sorte que temia.



Cibeli Felipe

Loreni Fernandes Gutierrez

Cadeira nº 19

Conheci Cibeli Felipe no final da década de oitenta e desde então passei a admirá-la. Pintava tecido, nessa época, e já tinha mãos de fada. No início da década de noventa começou seus estudos de desenhos, pintura a óleo e porcelanas. Frequentou vários ateliers e cursos livres de arte, tendo por professores Francisco Phorani, Reinaldo Gerónimo, Ronaldo Bonner, Luis Pinto, Whashington Maguetas, Mauro Ferreira, Gilberto Geraldo. Com Gilberto, primeiro artista brasileiro a se formar na Academia Ilya Repin, fundada em 1.757, em São Petesburgo, na Rússia, Cibeli fez inúmeros cursos. Ela tinha, sem dúvida, nascido para a arte, com a qual parecia caminhar de mãos dadas - firme e a passos largos. E sua fé, em Deus, sempre foi admirável. De 1994 a 2016 teve importante participação no âmbito nacional e internacional, sendo laureada com a Menção Honrosa no 2º salão de Artes Plásticas, com a obra "Paisagem Serra da Bocaina". Selecionada no Grande Salão Luso Brasileiro, em Lisboa, Portugal. Menção honrosa no Gran Salón de Madri, com "A cachoeira". Premiada com prata no 1º Salão de Artes plásticas de Rio Preto. Participações internacionais, como no Louvre, com o tema "Os impactos ambientais em biomas mundiais". Foi selecionada noutros mais, como no Grande Salão Paulista, com duas obras. "Chocando ovos", uma de suas telas, foi selecionada pelo curador Emanuel Von Lauenstein Massarani para compor o acervo artístico do Parlamento Paulista - Palácio Nove de Julho - São Paulo/SP. Teve também obras selecionadas para

o acervo da Academia de Artes de São Paulo. Seu currículo é extenso e suas obras, aqui apresentadas, falam por si.

Ateliê Herança Contemporânea

Rua Oswaldo Cruz, 2181. Vila Moreira.

São José do Rio Preto

Telefone: (17) 32343436 / Cel: (17) 9775-7897

E-mail: cibelifelipe@hotmail.com

@cibelifelipe_arte

@herancacontemporanea @cibelifelipe



Foto: divulgação

*Melão com metal - Natureza morta -
Óleo sobre linho.*



Foto: divulgação

Master Copy: Henri Fantin Latour



Foto: divulgação

Master copy - Bohmer Heinrich
Paisagem de Floresta de Cervos.



Foto: divulgação

Fragmento - Óleo sobre lonita.



Foto: divulgação

Natureza morta com caqui e uvas
Óleo sobre linho.



Foto: divulgação

Chocando ovos - Óleo sobre linho - Acervo Artístico
do Parlamento Paulista - Palácio 9 de julho.



Crônica

Esperança

Alberto Gabriel Bianchi

Cadeira n° 44

Numa pequenina querência onde uma linda menina de olhar lânguido e sereno todos os dias no mesmo horário, ficava a admirar um belo panorama do alto de uma colina com muita resiliência.

Olhava para uma maravilhosa plantação de flores brancas e azuis misturadas com a pastagem e muitos girassóis que enfeitavam o lindo lugar.

Nas noites de luar a iluminar toda a vastidão do lugar, o destaque era para as flores brancas e os girassóis.

Curioso, um dia, fiquei a esperar o retorno da linda jovem admiradora de toda aquela beleza da natureza para saber a razão do seu passeio diário naquele lugar.

Nunca havia estado perto dela. Fiquei encantado com seu sorriso puro de menina e mulher. A suavidade da sua voz parecia música e seu corpo uma bela escultura.

Contou-me sua história encantadora e ao mesmo tempo triste.

Seu namorado partiu e nem dela se despediu. Seus pais faleceram e ela ficou só com suas irmãs, pois o único irmão também havia falecido.

Lutou bravamente para sobreviver. Casou e teve um filho que vive com ela até hoje.

Com o tempo ela adoeceu, uma doença terrível que a faz sofrer muito.

Mesmo assim, ainda vai admirar o lugar, segundo ela, que já lhe fez muito bem, uma vez que com seu namorado do passado, durante um bom tempo fez juras de amor naquele mesmo cantinho que a vejo quase todos os dias.

Vendo esta menina linda. Esperando uma resposta. Reprimida pela saudade. Animada e radiante diante da beleza espiritual do Universo.

Muita tristeza estampada no seu rosto. Amando toda a natureza e buscando um milagre.

Deu-me a impressão de que ela ainda tinha esperança de reencontrar seu grande amor naquele mesmo lugar uma vez que, disse-me, viver infeliz.

Uma pequena história de uma garota que vive a sonhar com a vida na expectativa de curar sua dor e encontrar seu grande amor.



Nunca soube as razões...

Durante muitos anos, todas as noites ela se aproximava da minha cama... olhava para mim, dava um beijo e se aconchegava nos meus ombros e dormia como um anjo.

Eu era feliz e dormia tranquilo pensando na vida e no seu amor, caso fosse possível.

Que delícia imaginar que um dia tudo seria possível. Sonhar que tudo era verdadeiro, tão verdadeiro que eu dedilhava seu corpo inteiro como se fosse um instrumento musical a produzir lindas melodias de amor. Sentia seu corpo estremecer e o meu enlouquecer e muitas vezes me dando grandes prazeres.

Foram anos seguidos. Quando me deitava, lá estava ela, quando acordava, ela já tinha ido embora. Que pena! Tinha sido um sonho? Uma alucinação? Isso acontecia todos os dias e sempre era a mesma coisa, mas eu acreditava e ficava esperando tudo novamente.

Até que um dia ela não veio. Fiquei triste e na expectativa de que voltaria. Passaram-se dias, semanas, meses e nada dela voltar. Nada de falar comigo, dar-me um motivo, uma razão.

Abandonou-me, pensei! Meu amor por ela foi à loucura sem ter nenhuma explicação.

Aos poucos fui me conformando. Acabei aceitando a realidade fática para não mais sofrer, porém, jamais a esquecerei e por ela morrerei.

Mesmo em sonhos e esperanças infundadas e apesar da tristeza, fui feliz pelos imaginários carinhos dela.

Sonho

Céu enluarado e sorrindo, noite bela e prateada. Um abraço apertado. Coração palpitando.

Sentindo docemente batidas constantes.

As mesmas dos velhos tempos e das viagens inéditas.

Batidas de lindos momentos.

Percebo que a procela dos anos infindos não mudou seu sorriso puro de menina e de mulher.

Seu lugar aconchegante faz-me parar por um instante.

Olhar para o alto e relembrar seu rosto lindo de menina projetado na parede desta sua morada toda de vidro num lugar tão distante para onde, guiado por mãos divinas, fui levado.

Seu semblante de raro esplendor a embelezar o cenário que pela primeira vez estou curtindo.

Volto a olhar sua face projetada na frente de seu novo lar. Cores azuis e douradas, sua aura desprende.

O ambiente produz energias vibrantes.

Lugar inesperado e por mim encontrado pela luz do destino.

Acordes sonoros de noites tão lindas povoam minha mente.

Vejo sua imagem feliz e sorridente irradiando simplicidade, luz e amor.

Acalmando a dor e trazendo calor.

Como sempre... airosa e dando exemplo de vida.

Sem saber, estava tão perto que sentia e auscultava seu coração de bondade, amor e doçura. Que loucura!

Via sua imagem que parecia uma miragem. Queria tocá-la e ela não me deixava.

Não saiu nem para me ver, me abraçar e eu a divagar. Será que ela está?

Será que ela é de verdade ou será só um delírio?



M

emória

A meu, um grande pai!

*Rosalie Gallo y Sanches
(Presidente de Honra)*

Cadeira n° 29

Lembro-me perfeitamente. Começava o mês de dezembro de 1955. Eu completaria 10 anos antes do Natal. As aulas do quarto ano do Grupo Escolar, como o último mês do ano, também estavam para terminar. Sem que eu soubesse, logo eu sairia daquela escola, sairia de minha casa, sairia de minha cidade natal. Por isso, os dias ainda transcorriam felizes.

Uma noite, ao me deitar, minha mãe se aproximou e me disse que no dia seguinte eu viajaria com minha irmã mais velha, a Parê (chamava-se Clara Aparecida) e meu pai até São José do Rio Preto. Que noite! Agitação, ansiedade, alegria maior ir de trem de Pindorama a Rio Preto, a cidade grande que meu pai citava com frequência porque todos os meses a ela se dirigia para fazer, junto à Agência Distribuidora de Filmes Curti, a programação de nosso cinema!

Bem que eu não queria fechar a janelinha do trem, durante a viagem, para sentir a viagem em sua plenitude, mas as fagulhas queimantes me convenceram a fechá-la.

Quando o trem parou em Rio Preto, subimos uma escadaria imensa (ainda é mesmo imensa, em minha memória) e caminhamos alguns quarteirões até chegarmos a uma loja também muito grande: era a Casa Bueno. Ali, eu, sem muita atenção ao que fazia minha irmã, me divertia olhando vitrines e o movimento das pessoas. Depois de algum tempo, a pergunta veio dela:

– De qual você gosta mais?

E, para eu opinar, sobre o balcão, várias peças estendidas de organdi suíço branco, lindíssimos.



Foto: Acervo da autora

Foto de meu pai no dia de seu aniversário (07/10/1925) e casamento com minha mãe.

Olhei para meu pai, que me sorria. Aliás, sorria muito para mim, talvez por ser caçula e temporona, a criança perigosa de nascer de uma mãe que beirava os 40 anos.

– Escolha! É para fazer um vestido para você!

Escolhi uma peça com flores e pétalas soltas sobre o tecido bordado. Saímos da loja com meu



coração em estado de graça e em total êxtase infantil, como se tivesse tomado o picolé redondo, de esquimo, que o Zé Mineiro sempre fazia, no bar, passando na calda de chocolate várias vezes para a casquinha ficar bem grossa, só para mim!

Não esperava, mas teve mais surpresa: viramos a esquina e fomos a uma loja de calçados, a Pigalle. Ganhei um par de sapatos também brancos, de furinhos, florzinhas, alcinhas e botõezi-nhos. Um sapato de boneca. Eu seria a boneca, pensava. Mas de que brinquedo?

O dia 14 de dezembro amanheceu alvoroçado. O sistema de alto-falante do Cine Teatro Rio Branco começou a manhã tocando hinos pátrios e canções festivas, bem ao gosto de meu pai. Muita gente trabalhou no cinema, durante o dia, lavando chão, enxugando e espanando poltronas, limpando as frisas (imaginem, havia frisa!), preparando o palco. À noite haveria a diplomação dos alunos do quarto ano do Grupo Escolar. O tecido que trouxéramos de Rio Preto havia sido transformado por minha mãe em um vestido maravilhoso. Meias novas, sapatos novos,

novas sensações. Toda a família estava radiante.

Dona Cidinha Cianelli Cruz, minha professora, que nos acompanhara desde o segundo ano, estava ricamente vestida e perfumada, como de costume; o Diretor, senhor Oscarlino, imponente em seu terno claro, organizava com ela os cartuchos de diploma, as cadeiras, as toalhas das mesas, os presentes. Para quem seriam? pensavam meus botões do vestido e dos sapatos.

Começaram a chegar as pessoas e a plateia ficou lotada. Nas primeiras fileiras, os alunos que deveriam subir ao palco. E a chamada começou. Não sei por qual ordem, mas comecei a me desesperar porque não ouvia meu nome. Chamaram o Deolindo, o William, o Neyzinho (que passado um bom tempo, namorei por anos), a Oracina, a Laura, a Mercedes, a Rute, as irmãs Tedeschi, a Rosalina Seixas, e um a um, desfiaram a lista dos alunos. Ao final, sobraram três nomes a serem chamados ao mesmo tempo e fomos as três meninas ao palco. Nem ouvi direito o que se passava. Do palco, via a multidão. E, de repente, vi meu pai. Eu o vi lá perto da porta da entrada,



Foto: Acervo da autora

A foto da turma de 1955.



ao fundo, perto da cortina de veludo vinho. Era mesmo meu pai, aquele pai lindo e grande, que me olhava, emocionado. Enxugava lágrimas. E me sorria. De longe eu via que me sorria! Não víamos mais ninguém. Só eu a ele; ele a mim. Crescia, a meus olhos muito mais do que seu tamanho real, na altura de seus 1,90m.

Voltei a mim quando ouvi a frase:

– E, em primeiro lugar, Rosalie Gallo.

Minha professora me abraçou, o Diretor me abraçou. Os aplausos eram muitos. A plateia vibrava; meus amigos de escola batiam palmas para mim. Então, o pacote maior de presente que restava sobre a mesa me foi entregue. Era um álbum de fotografias. Capa com uma paisagem sob um plástico preso com ponto caseado nas bordas, folhas de papelão marrom entremeadas de papel de seda. Na primeira página, uma foto da turma, de minha turma de 4º ano, cuja cópia levei, ano passado, para o Grupo Escolar de Pindorama, em companhia de minhas irmãs Parê e Maria Hortência, de minha filha Manuela e de minha neta caçula Maria Paula, a quem dediquei um de meus livros, ilustrado pela querida amiga Maria Helena. Curti!



Foto: Acervo da autora

A dedicatória, com letra bordada, ímpar, de Dona Cidinha, ainda me emociona. Mas não tanto quanto a lembrança das lágrimas de orgulho de meu pai, de meu grande pai que nos ensinou a todas (éramos cinco filhas, todas professoras!) que a Educação, a Cultura e a Família são a base de um bom caráter. É a ele, a meu pai querido, Victório Hugo Gallo, que dedico estas memórias, com lágrimas nos olhos e muita saudade de seus assobios das valsas de Strauss, coincidentemente perto do Dia dos Pais, embora eu o comemore todos os dias. Obrigada, meu pai, por ter me ensinado a ser boa pessoa.

Crônica

Excessos carnavalescos e étlicos

Pérsio L. Marconi
Cadeira nº 15

Quando o mês de fevereiro se aproximava, nas décadas de 1970 e 1980, eram comuns os grandes bailes de carnaval, desfiles de escolas de samba, blocos e concursos concorridos de Rei Momo e Rainha do Carnaval. Prefeituras e clubes sociais se esmeravam na produção e organização, e as pessoas esperavam ansiosamente esse período, costurando fantasias e brincando o carnaval até o início da manhã do dia seguinte.

Na minha cidade, alguns foliões ficaram famosos por suas habilidades em sambar, alguns por sua capacidade de consumir quantidades semiletais de bebida alcoólica e outros por sua resistência em ficar sem dormir por longos períodos.

Um estudante de medicina, meu amigo, hoje respeitado infectologista, cientista e professor universitário da famosa e nacionalmente conceituada FARMERP (Faculdade de Medicina de Rio Preto) conseguia reunir todos os atributos citados acima. Ele adorava o carnaval e não perdia um minuto sequer das festividades. Era sempre o último folião a deixar o salão, por volta das cinco horas da manhã. Uma figura muito engraçada, folclórica e detentor de uma quantidade enorme de amigos.

Em seu último ano de residência, na época do carnaval, Dr. X (vamos chamá-lo assim) não conseguiu alterar sua escala de plantão no ambulatório da faculdade em que eram feitos atendimentos, a partir das sete horas da manhã, mesmo na quarta-feira de cinzas. Assim, ele decidiu brincar o carnaval até às seis horas da manhã, foi para casa, tomou banho, vestiu branco e seguiu, sem dormir, para os atendimentos agendados para aquele dia.

Sala de espera já lotada.

O primeiro paciente do dia era um senhor bem idoso, que reclamava de dores generalizadas pelo corpo. Pacientemente, Dr. X realizou a anamnese completa, auscultou os pulmões e coração, fez as perguntas de praxe, tentando encontrar a causa das dores do velhinho, sem sucesso.

Antes de pedir os exames médicos de rotina e, no intuito de aliviar prontamente o paciente de suas dores, Dr. X chegou bem perto do idoso, abraçou-o e perguntou: "Vovô, conte-me a verdade. O senhor bebe?" O velhinho deu um largo sorriso e respondeu, suavemente: "Eu não bebo, não. Mas o senhor bebe bem, hein doutor?"



Crônica

A toque de caixa

Eudes Quintino de Oliveira Junior

Vice-Presidente da ARLEC - Cadeira nº 26

Parece que a vida anda a toque de caixa. Tudo é movimento. O planeta Terra, egoisticamente, gira em torno de seu próprio eixo e nos oferece, no mesmo espaço, o dia e a noite. Ambos fugidios. Mas também alça voo mais alto e dá uma volta completa ao redor do Sol, e em cada uma delas, computa mais um ano, pontecendo todas as estações. É fácil ver, então, que tudo milita em favor do tempo, que vai acumulando suas horas, dias e anos, em prejuízo do homem, que se vê preso a uma ampuheta encarregada de fazer a soma de sua vida. Após atingir o período demarcado, tomba de uma só vez e faz a areia se esvaír ao sabor do vento.

Daí, o motivo da pressa na árdua missão de viver intensamente cada momento, devidamente calculado pela poderosa máquina do tempo. Vejo que posso, desta forma, na minha visão de túnel, fazer um desenho multidimensional do futuro e ver que a vida não é só um caminhar

por uma via certa, mas também um perambular pelas curvas e espirais, para que se possa atingir a ascendência progressiva, visando alcançar o verdadeiro potencial humano. E quando mais eu procuro, mais abissal se torna o descompasso entre a realidade e o mundo imaginado. O conto de fadas fica cada vez mais distante da vida adulta e só existe como expectativa fantasiosa.

Aí, então, resolvo dar uma dimensão ao meu eu, aquele que ora habita dentro e fora de mim, e chego à conclusão de que não posso ficar satisfeito em ser apenas um eu, pois se assim for, poderia me sentir acabado. E se a vida é a arte do encontro, tenho consciência que preciso me perder para me encontrar e rapidamente povoar minha mente de desejos concomitantes, mesmo que sejam incompatíveis, para que tudo valha a pena. O herói, como sabido, não é aquele que segue as regras e sim que as quebra.





Já procurei de Ceca a Meca e com toda certeza não encontrei nenhuma fórmula mágica que consiga remodelar e satisfazer o ser humano para que se torne um bom guardião de si mesmo. O modelo mais apropriado é olhar para dentro de si para encontrar a verdade. Procuo, então, ingressar nos labirintos da minha memória e sei que encontrarei fatigados neurônios buscando seus guardados como se fossem cães farejadores, em busca daquilo que fui um dia. E irei me defrontar, inevitavelmente, com um praticante da saudade, que se apoiará na memória como tábua de salvação, carregando a bandeira do passado.

E é justamente quando penetro no mundo encantado da infância, quando todos os pensamentos eram puros e o tempo demorava a passar. Talvez e até por isso é que se espreme mais a imaginação, que derrama seus inesquecíveis momentos. Certifico-me de que cravei meu canivete na árvore e desenhei as letras iniciais do meu nome, empinei as coloridas e majestosas pipas que faziam manobras no ar para cortar as linhas dos outros moleques, rodei meu pião com a arte de um mágico, ouvi o tilintar das bolinhas de gude fincando-as nos buracos de terra, joguei futebol descalço em campo de terra com traves improvisadas, fui batedor e arremessador no jogo de tacos, esbaldei equilíbrio na perna de pau, bati no balanço caixão e fui me esconder, estudei pela cartilha Caminho Suave. Constato que tive pródiga infância e carrego as imagens que até hoje traduzem momentos maravilhosos.

E a juventude com seus arroubos me introduziu na vida, colocando-me na competição com muitos outros. A escolha profissional, o estudo apropriado, as dificuldades vencidas em cada fase. Vitórias e derrotas se revezando, mas sempre impulsionando para o alto, cada vez mais perto do ideal planejado.

A idade madura já me arrasta para o outro lado da vida e me encarta na família, casamento, filhos e netos, prolongando como um adendo a minha existência. Vejo, com todos estes acontecimentos, que permaneço firme, inabalável, sem romper com a velha ordem. Entre tantos percalços do novo mundo, procuro manter minha alma primeva, no seu original. Olho adiante e já me deparo com uma miragem, verdadeira utopia adredemente preparada porque já não tem mais futuro para projetar. A ordem do dia é a constrangedora rotina, vendo as coisas passarem vagorosamente. Tudo não passa de fumaça e brisa, como profetizou Santo Agostinho.

A vida, desta forma, vem cercada de momentos que passam às pressas, a toque de caixa, em que o rufar dos tambores vai ditando os passos de cada fase. O consolo é que, com a idade já amadurecida, torno-me uma caixa de ressonância. Sim, um projeto que deu certo, com o coração contrito e a alma em festa. Captei todo o som da vida, seu ritmo mais aguçado e aperfeiçoado, e agora o transiro com a melhor pureza e perfeição para todos que me circundam.





Crônica

A colina sussurrante de flores pérolas

Loreni Fernandes Gutierrez

Cadeira nº 19

De vestido ramado e com a longa cabeleira presa na altura da cintura, por uma fita, ela chegou e se sentou ao redor da fogueira, silenciosamente. E a menina moça do vilarejo, sensitiva e que há tempos tentava se comunicar com os ventos, pediu-lhe que lhes contasse uma história de amor, que foi assim iniciada:

“Era uma vez, numa terra distante...”. E a sua voz era cálida como o cantar dum pássaro, anunciando a primavera. Na medida em que falava os olhos da jovem ofuscavam a fogueira, feito pérolas sob o sol. Quando a narradora de vestido ramado chegou na parte em que o jovem da história salvava a donzela do monstro do lago, para que fossem felizes para sempre, ela finalizou a narrativa, levantou-se sorrindo e, cravando um último olhar sobre as chamas ardentes da fogueira, desapareceu pela noite afóra. Seu nome nunca foi dito e ninguém nunca mais a viu. Mas as passadas misteriosas que os pés da jovem deixaram pelos caminhos por onde andou fizeram nascer neles belas flores silvestres na cor pérola. E a menina moça do vilarejo, que tentava sempre conversar com os ventos, pediu fervorosamente aos filhos de Éolo que as polinizassem por toda a colina.

Assim, aos poucos, um belo jardim foi edificado através das lufadas dos ventos sobre todo o outeiro. Então vieram os colibris, as borboletas

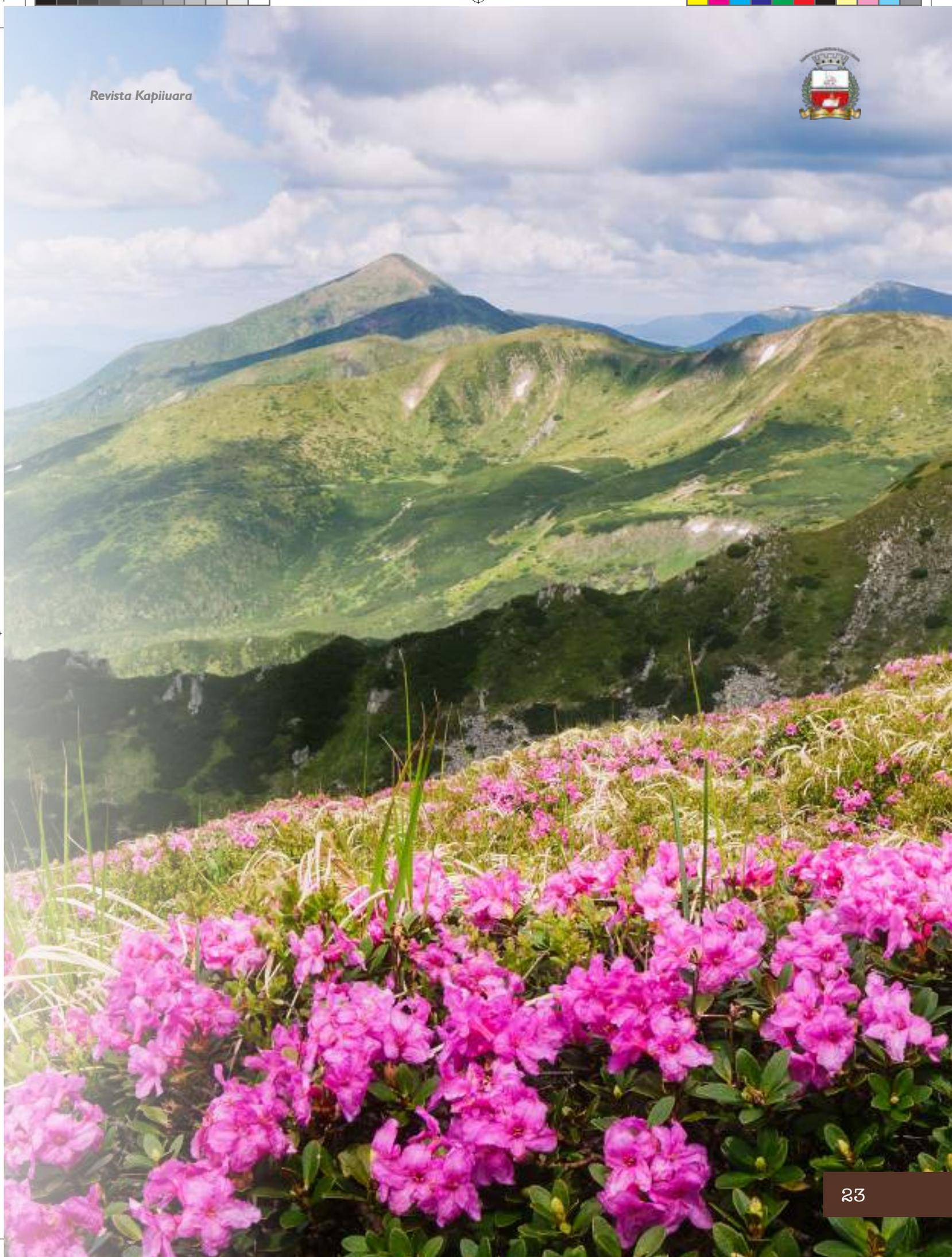
e as abelhas e, a seguir, os pássaros divagantes. Tempos depois chegaram também os homens, apreciadores do belo, curiosos e tentando explicar o inexplicável com teorias frágeis e dissonantes.

O lugar, a cada dia mais exuberante, acompanhado sempre por um vento sussurrante, passou a ser chamado de “A colina sussurrante de flores pérolas”. O dono das cercanias, um eremita religioso e singular, acatou a mudança da natureza como um presente dos céus, construindo vias e bancos para que as pessoas apreciassem o espetáculo. Criaram-se também as regras, necessárias – mas nem sempre apreciadas pelos homens. Mas o balanço das flores e o compasso dos ventos, envoltos numa aura de mistério, incitavam respeito ao lugar.

E a menina moça, do vilarejo, se apaixonou depois por um poeta que, tendo as flores e o rumor dos ventos como inspiração, passou a frequentar a colina acompanhada, sempre, de belos versos nas folhas duma prancheta.

Casaram-se, logo depois. Contam que a partir de então os que por ali passavam se apaixonavam, pois a beleza das flores pérolas, entremeadas pelo verde das folhas e o sussurrar dos ventos, eram um convite ao amor.

E o Universo, com sua sabedoria, certamente conspiraria a favor.





Poesia

Nídia Puig Vacare Tezine
Cadeira nº 36

Andanças

Eu andei;
você cavalgou
nos ares, nas brasas, nos rios

Desafios

Desfiou os dias, as horas, as notas
as gotas da saudade,
e da impossibilidade

Frustrado, amargurado, culpado
Inóspito no querer
Ausente no sentir

Você corria no ventre da noite
esfacelando-se no seu próprio encontro
expurgando a dor, expulsando o vácuo

Inócuo tudo, meu querido.
Ido o tempo, resta a essência,
o ser que pode e que precisa viver:
mover, rever, revolver, ir
mas também ficar.

Não precisamos mais correr.
Passem os ventos, toque-se o calor, sinta-se o calafrio,
esse arrepio das emoções, um simples usufruir do compartilhar.

E só a nós, tudo compete.



Cinismo a si mesmo

Choros

Tenho meus choros
meus clamores
minhas insípidas lágrimas
de perdas irreparáveis

O passado é extinto, ido,
mas, devido ao presente,
subjacente ao futuro,
tudo se torna ímpar no tempo

Dói a ferida sangrada
da cria mal-criada,
da expectativa retirada
dos encontros esfarrapados,
turvos, desaguados da verdade,
velados nas mentiras,
imaginários, inusitados.

Fibra ótica de visão deturpada,
do carinho mal expresso,
do afeto descompassado,
da acolhida retardada,
da vida desvivida.

El cinismo
es un enemigo planteado,
aunque bienvenido
en la conversación.
Es decir: hoy es
la opinión del ayer
pero también
la opción del mañana

Así,
verdades son oposiciones
del eco de las mentiras,
del trámite de la realidad

Y asimismo
para sobrevivir
retiro el pañuelo
de mis ojos,
la servilleta del mundo,
como um anónimo de Dios,
que con Él,
yo y nosotros todos,
podremos, quizás,
decir a cualquiera
que quisiéramos
de alguna manera
el pecho exponer

Tiraré entonces al suelo
los miedos, las angustias
los techos de la ternura
Rellenaré toda la lacuna
entre Dios y la humanidad;
de dos, seremos uno
hermanos puros

Y si acaso
el ocaso de la vida
signifique la muerte
aun así, será única
la vez en que se puede mirar
uno a si mismo,
sin cinismo



Artigo

Aprender e apreender

José Luiz Balthazar Jacob

Cadeira nº 28

Dizer que estamos piores do que já fomos como seres humanos é uma tendência que acompanha parte dos humanos ao longo dos séculos. Esse é um aprendizado derrotista e depressivo. É mentira. Nós melhoramos muito não apenas em conquistas, ciências, conhecimentos, alimentação, etc., mas também como seres humanos. O que falta é aprendermos ser mais pacientes e interessados com a evolução da humanização. Humanizar-se não é tão rápido como construir naves espaciais e armas espetaculares, não é experimental como descobrir microrganismos patogênicos e medicações ou vacinas para combatê-los.

As descobertas que mencionei são obras extraordinárias, que impulsionam a humanidade e que, em geral, trazem fama. No entanto, a humanização depende de convivência e desapego dos aplausos e da fama. Implica fazer coisas espetaculares sem preocupações com vantagens e poder. Humanizar-se pode prosperar a partir de algumas situações que nos deprimem ou de acontecimentos que nos abalam, como uma força que nos impulsiona a lutar, batalhar e superar obstáculos nos tornando melhores. Não porque ficamos mais “bonzinhos”, mas porque aprendemos a amar pessoas que participaram da luta, admirar pessoas e grupos desconhecidos que ajudaram a superar situações trágicas, respeitar aqueles que ajudaram desconhecidos a vencer obstáculos, amar pequenas coisas para as quais não dávamos importância.

A humanização é muito mais difícil do que um ato de sucesso, por isso, é necessário ter paciência e capacidade de observação do nosso semelhante, da comunidade e acima de tudo de nós mesmos.

Para se desenvolver um projeto importante em qualquer área de atuação humana o indivíduo lhe dedica um tempo, que dependendo das circunstâncias é maior ou menor, aprende sobre o assunto e, ao concluir o projeto e analisar seus resultados, apreende toda a teoria e tecnologia empregadas e os benefícios extraídos.

Ao contrário, a humanização é progressiva e lenta, se desenvolve a pouco e pouco e não é aprendida por teorias, mas pela prática e vivência diárias. Além disso, ela não pode ser apreendida, pois depende exatamente de desprender-se.

Não existem regras teóricas que ensinem a desprender-se. Podemos citar exemplos de pessoas desprendidas entre filósofos, filantropos, espiritualistas, religiosos famosos, professores, médicos, etc., mas nenhum mostra uma fórmula que transforme um avarento em um despojado. Também pessoas comuns, pobres ou ricas, que demonstrem grande desprendimento não conseguem ensinar outros a fazerem o mesmo. São os exemplos diários deles, seus atos de desapego e desprendimento que poderão fazer com que outros os sigam.

Aqueles que ficam nos longos discursos e vivem completamente diferente do que dizem são



como os fariseus aos quais Jesus Cristo chamava de hipócritas e sepulcros caiados.

Parece muito simples, apenas um jogo de colocação de palavras, mas é de extrema complexidade em termos de sentimentos e convivência. Quanto mais apreendemos, mais apegados ficamos, mais donos do que sabemos pensamos ser e mais egoístas nos tornamos.

Pierre Teilhard de Chardin, padre jesuíta e pesquisador falecido, em seus livros *O Fenômeno Humano* (101) e *O Meio Divino* (102) nos transmitiu a esperança necessária de que seremos melhores e mais humanos. No entanto, deixou claro o quanto é longo o processo de humanização. Por isso, muitos evolucionistas o criticam preferindo enxergar um mundo e uma humanidade sem Deus e cheia de coroas, louros e títulos.

Creio que em um mundo no qual as pessoas com grande acesso aos meios de comunicação e influência sobre o povo tratam corruptos e mercenários como heróis e exemplos, enquanto tentam distorcer a pregação de Jesus Cristo ou mesmo impedir sua divulgação, a progressiva humanização do homem se tornará ainda mais lenta. Confunde-se cristianismo com ideologias políticas e sociais.

Analisando o mundo da política e seus "atores", podemos notar claramente essas características. À medida que um político aprende o jogo, atalhos e meandros da política, mais ávido por vantagens pessoais ele se torna e mais ele apreende, retém para si como um tesouro. Seus partidários e apoiadores próximos seguem a mesma cartilha. O povo que o elegeu se torna uma "massa de manobras" que ele utiliza para se perpetuar no posto que ocupa ou para galgar posições mais altas que lhe permitam auferir maiores vantagens.

O raciocínio acima não é apanágio do mundo político, ele cabe em todas as atividades hu-

manas: na Medicina, nas Ciências Jurídicas, nos Conselhos de Classes Profissionais, nos Sindicatos, na Magistratura, no Ministério Público, no Magistério, na Economia, no Comércio, entre religiosos, etc. Basta fazermos um exercício de análise das posturas que ocorrem nessas áreas e são noticiadas pela imprensa e demais mídias. Às vezes, podemos encontrar esses exemplos no convívio diário. Particularmente, conheci diversos.

Isso não ocorre apenas no Brasil, mas nos mais diversos países. Os exemplos existem abundantemente em quaisquer noticiários ou fontes de pesquisa.

Imaginarmos mudanças significativas no cenário social que vivemos, simplesmente com eleições, é uma ilusão. A ideia de que a simples eleição de pessoas que se dizem religiosas, pastores, juizes, médicos, professores e intelectuais irá transformar nossa política é falsa. Temos inúmeros exemplos para comprovar. É preciso que a história de vida dessas pessoas sustente a aparente "bondade e justiça" que pregam.

Da mesma forma, a eleição de pessoas mais humildes, ditas protetoras dos desprovidos, imaginando que elas terão atitudes mais nobres porque passaram dificuldades é uma falácia. São muitas promessas que se perdem no prazer e apego pelo poder. Também temos vários exemplos para comprovar.

É preciso que busquemos ativamente a humanização progressiva de nós mesmos e do nosso entorno para que ela seja acelerada e as mudanças por ela geradas possam melhorar nossa realidade como país. Despertar da nossa apatia diante dos riscos da enorme desigualdade social e dos vícios da política é fundamental para que possamos interferir nas decisões que tornem mais séria a nossa política e menos disforme a nossa sociedade.



C onto

Rio congelado

Cleber Junio Falquete

Cadeira nº 13

– O vale todo está sob neve – me disse o estranho.

Isso não era novidade. Logo a mim ele diria isso, como se a notícia fosse transmitida a um estranho e o estranho fosse eu. Naquela manhã, eu havia acabado de acordar, tinha feito minhas orações costumeiras de sempre e, em jejum, estava meditando próximo à janela da entrada da igreja, tinha acabado de abri-la, para arejá-la com os ventos novos da manhã, quando o estranho se aproximou de modo sorrateiro, para não dizer invisível. Não digo que essa seria a sua intenção, a de me assustar, mas só percebi a sua forte presença depois que ele atravessou a porta sem rangê-la e sem quebrar o silêncio, e dirigiu-se a mim com um bom dia e a informação desnecessária. Fazia muito frio e nevava. Todo ano, o inverno em Engelberg era rigoroso. Podia chegar a dez graus negativos. O teleférico de Stockalp até Melchsee-Frutt e o trem até Tannalp estavam inativos, devido à grande quantidade de neve acumulada sobre os trilhos. E nem sempre podíamos contar com a boa vontade do governo em enviar funcionários para limpá-los.

– Você não é do vilarejo. Eu o conheço?

Apesar de já viver muitos anos ali e de certa forma estar acostumado ao clima hostil e invernal, ainda assim eu sentia muito frio. No entanto, ao reparar em seu olhar, senti uma onda imensa de gelo se apoderar de meu interior. Seus olhos eram firmes, imóveis e brutais, e buscavam os meus como se quisessem penetrá-los.

– Não, padre. Você não me conhece.

Falava de modo pausado e quase não gesticulava. Reparei então que tinha a barba por fazer e o cabelo estava desgrenhado. As mãos eram um pouco trêmulas, talvez pelo frio excessivo, estavam sujas de terra e seguravam uma touca.

– De onde você é?

– Venho do outro lado do Monte Titlis.

Engelberg é conhecida como “Cidade dos Anjos”. É um pequeno vilarejo suíço, com pouco mais de quatro mil habitantes. O Monte Titlis é o ponto mais alto de toda a região, com 3.020 metros de altitude. No topo do monte há uma geleira, onde é possível fazer uma caminhada em seu interior, embora haja grande dificuldade de se respirar devido à altitude. E o estranho vinha de lá.

– Por favor, sente-se. Está muito frio. Vou providenciar alguma bebida para nos aquecer.

Ele sentou-se feito um menino tímido e ficou a me olhar. Fui até a cozinha, nos aposentos dos fundos da igreja, preparar dois kafi schnaps, uma mistura de café, água e vodca. A igreja de São Tomé que eu paroquiava era modesta, construída no alto de uma colina a oeste do vilarejo, no final do século XIX por missionários dominicanos espanhóis. Não possuía cornija e nem retábulos e toda a sua estrutura interna era bastante humilde, com assentos rústicos construídos de madeira retirada do interior do bosque. O ambão fora feito especialmente por marceneiros locais e acima do altar, exposto ao centro da parede,





pendurado por alguns pregos, um Cristo crucificado e todo nu, em tamanho natural, uma verdadeira obra de arte talhada em alabastro e doada como prova de amor por um artesão fiel e cego. As paredes externas eram caídas e confundiam-se na paisagem à distância com a abundância da neve espalhada. O badalar dominical do sino no campanário anunciava ao povoado a proximidade do início das missas. Mas, há muitos anos, as pessoas andavam descrentes, poucas eram as beatas que ainda se arriscavam a enfrentar o mau tempo e vinham ouvir o sermão. A fé definhava como a neve que derrete facilmente no verão e o isolamento da igreja talvez refletisse o descontentamento e a insatisfação das pessoas para a realidade minguada de suas vidas miúdas e cotidianamente viciosas.

Preparei duas canecas e levei até ele. Entreguei a dele e fiquei a observá-lo. Definitivamente, havia algo nele que me inquietava. Sua mansidão de gestos e falas parecia ocultar algo mais, impediam uma visão mais acurada. Ele ficou o tempo todo em silêncio enquanto bebíamos, meneando a cabeça de um lado ao outro, observando o interior da igreja, como se ela lhe fosse familiar. Olhava fixo pelas janelas, contemplava o frio painel transparente do céu ou a imensidão branca das montanhas ou os gelos acumulados nas terças e nas velhas telhas das casas. Próximo à margem do rio congelado, pastores apascentavam seus gados e algumas crianças brincavam na neve, construindo bonecos ou castelos.

– O que você deseja, meu filho?

Ele interrompeu-se e seus olhos ávidos buscaram-me novamente. Dessa vez, porém, eles estavam agitados, ansiosos. Porém, percebi a presença temerosa da incerteza neles. Certamente, aquele homem carregava um grande fardo dentro de si. Apesar de sua aparência tranquila e leve, eu sentia alguma coisa muito forte, uma presença poderosa que queimava as entranhas, algo inexplicável como o frio do fogo e o fogo do

gelo. Ele levantou-se, caminhou e debruçou-se na janela.

– Acredita em Deus, padre?

Fui pego de surpresa. Como pode alguém perguntar a um padre se ele acredita em Deus? Equivale a perguntar a um matemático se ele acredita nos números ou a um astrônomo se ele acredita em estrelas.

– Ora, sim, mas é claro.

Ele permaneceu morno e impassivo, continuou olhando a paisagem desolada, a terra encharcada, o vento úmido e dolorido castigando o seu rosto.

– O rio está congelado, padre. Você costuma pescar?

Eu poderia responder qualquer coisa, mas senti um desânimo repentino me dominar.

– Não, há muito tempo que não pesco.

Eu estava incomodado pela sua presença enigmática e também por algo que eu não sabia explicar, identificar, mas que me rodeava, me cercava e que começava a me asfixiar. Sentia-me mal.

– Quem é você?

Ele virou-se, dessa vez com o olhar doce e abrandado. Seus olhos cândidos pareciam querer cobrir de uma mansidão sublime toda a extensão perdida de minha alma amedrontada e apaziguá-la na travessia da tempestade.

– Vejo que já não se lembra mais de mim.

Repentinamente, eu sentia que ardia em febre. Os olhos embaçavam e embolavam. Meu corpo minava suor. Tentei levantar-me, queria caminhar o mais depressa para fora da igreja, mas não tive forças, cambaleei e acabei tombando. Percebi que ele se aproximou e me socorreu. Ele me amparava com ternura em seus braços e eu sentia a sua mão quente segurando a minha com firmeza. Lembrei-me, então, emocionado, de uma antiga prece árabe: “Senhor, se eu Te esquecer, rogo que nunca Te esqueças de mim”.





Homenagem

Lancei meu olhar para uma cópia de um dos quadros de girassóis de Van Gogh. Essa cópia fazia parte do início de uma aventura na qual me arriscara no caminho das artes plásticas.

Não era a primeira vez que me encantava com a luz que brotava daquelas flores. Contudo, eu não podia deixar de me surpreender com a potente atenção do meu próprio olhar, naquele momento. Subitamente, o nome ARLEC dominou meus pensamentos e vinha tão iluminado quanto o quadro do famoso pintor holandês. Questionei minha enigmática associação entre realidades aparentemente tão díspares. Lembrei-me de David Hume.

David Hume, filósofo escocês (1711-1776), o último dos empiristas britânicos do início da filosofia moderna, defendia, de forma plena, o poder das associações entre ideias. E, embora o associacionismo nem sempre seja glorificado, o certo é que muitas vezes temos que reconhecer sua força. Tentei justificar minha associação entre as flores vangoguianas e a ARLEC.

Hume propõe três princípios ou leis universais que guiam a imaginação no associar as ideias: semelhança, contiguidade, causalidade.

Não pude deixar de admitir a associação por semelhança entre os girassóis vangoguianos, reunidos em um quadro, e a ARLEC com os seus integrantes. Resolvi abrir o portal da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura e captar a “natureza” dos seus carinhosamente chamados arlequinos.

À ARLEC, com carinho

Isabel Pimenta Hernandes
Membro honorário



Foto: <https://blog.useartools.com.br/van-gogh/>

Não são os arlequinos tão imortais quanto os girassóis de Van Gogh? Imortais, com certeza! E que dizer do brilho dessas flores que me assombrava? Brilho intensificado pela união? Não têm os arlequinos luz própria, potencializada graças à união de seus propósitos acadêmicos?

O que podemos ver quando as portas da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura são abertas? Um conjunto de diferentes profissionais: poetas, romancistas, contistas, artistas plásticos, músicos, cientistas, juristas, filósofos. O que os une e faz com que estejam sempre em caloroso



e proveitoso contato? Não foi o acaso que um dia os aproximou. Penso ser, primeiramente, certa paixão pela atividade exercida ao longo de suas vidas e, em segundo lugar, o sentimento de compromisso com o progresso intelectual e moral da população da cidade que os abriga e de muitas outras. Sentimento que propicia a valorização de muitos profissionais esquecidos, apesar de responsáveis e competentes.

Penso, ainda, no afã dos arlequins de despertar nos jovens, pelos exemplos de suas existências, a esperança de que o empenho pessoal e comunitário haverá de lhes proporcionar a realização de seus autênticos sonhos.

Na condição de membro honorário da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, título que me foi gentilmente outorgado, sinto-me autorizada a dizer, convicta e feliz, tudo o que anteriormente disse.

Parabéns à ARLEC, no vigor de sua adolescência de 15 anos. Parabéns aos seus dignos membros, iluminados com a fé nos valores humanos e unidos com o objetivo de oferecer, a São José do Rio Preto, seus auspiciosos alimentos espirituais.



Fonte: <https://ebm.com.br/wp-content/uploads/2022/11/IVAN-GOGH.jpg>



Crônica

Cega, surda, muda e lenta

Elma Eneida Bassan Mendes
Cadeira 11

Uma coisa boa de envelhecer é que a gente vai ficando invisível. Essa me parece uma excelente vantagem. Veja bem. Passamos a maior parte da vida sendo adultos. Adultos costumam ser evidentes ao extremo. Aparecem muito. Estão por toda a parte e a maioria é visivelmente irritada, cansada, chatinha, sem alegria. Escancaradamente problemática. O adulto ama exhibir que é um ser encrencado. Gosta de mostrar o nó que é a sua vida. E esse nó só começa a ser desatado lá na porta da velhice. Não porque tudo foi resolvido, mas porque a essa altura da trama não compensa mais complicar. As picuinhas familiares. O balaio de bobagens e complexos que castigou o lombo por tantos anos. O apetite por emoções avassaladoras. É impressionante como tudo isso some, sai de cena. Desaparece. É você esvaziada de complicações, invisível, transparente a deslizar ilesa e em paz por caminhos bem conhecidos. É você no recôndito dos valores que realmente interessam.

E tem mais uma penca de coisas que melhoraram bastante com o passar do tempo.

Eu, por exemplo, cada vez enxergo menos cara feia. Se é para mim, nem detecto. A visão fica ruim. Meus olhos embaçam para essas faces duras. Consigo perfeitamente não ver. Uma catarata me impede. O cristalino fica opaco para rancores, indiferenças e para o mau humor alheio. Bem eu que já me incomodei tanto por tão pouco. Incrível pensar que eu sofria por situações que hoje sequer localizo, valorizo. Os melindres vão se apagando no horizonte e isso é ótimo.

Outra coisa boa é que também estou ficando surda. Ainda não ultrapassei a casa dos sessenta – que é uma espécie de *debut* da velhice – e minha audição já está despencando, ladeira abaixo e sem freio. Ouço o essencial, só o que me basta. Sem ruídos, alarmes estridentes. Os sons que me chegam eu os escolho, na medida da minha emoção. Fase esplendorosa essa.

Na fiada dos bons acontecimentos de ir envelhecendo está uma bem-vinda mudez. A gente fica notadamente mais quieta. É a adesão livre e sensata ao “em boca fechada não entra mosquito”. Relíquia do tempo. Sabedoria do entardecer. A fase é de contemplação e não de confusão, indigestão. O silêncio se torna um companheiro incrível, peregrino fiel, aliado dos bons. Os instantes mais inebriantes, inesquecíveis são mudos. Sem tagarelice. E também estou mais lenta, lerda talvez seja a palavra. O tempo é meu, vou no meu passo. Quem quiser que passe à frente, e não me apresse, por gentileza.

Invisível para tudo o que não for bom. Cega, surda, muda e lenta para aquilo que não expressar a delicadeza e a beleza merecidas daqui em diante. É o amadurecer da vida. Quando se consegue tratar bem, com respeito e amor cada novo e precioso dia. É o tal presente que os adultos desprezam, se esquecem, ignoram. Encerro com o craque Mário Quintana num verso seu que sempre me encanta, de ternura e paixão.

“Só as crianças e os bem velhinhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperanças são breves.”





Arte

“O que essas ABAYOMIS vieram fazer na minha praia? Presente precioso que a arte me dá!

Maria Helena Curti

Cadeira 10

– “O que essas ABAYOMIS vieram fazer na minha praia?”

É a pergunta que me assalta sempre que pinto uma paisagem marinha. Sim, porque essas baianas surgiram ali, prontas para serem as heroínas da minha obra sem que eu tivesse a intenção de humanizar a minha aquarela. A palavra ABAYOMI (ABAY: encontro, presente; OMI: precioso) se refere a uma pequena boneca preta, feita de pano e sem costura alguma, só com nós e tranças. Faz parte da herança cultural dos negros africanos. Quando cruzavam o Atlântico para serem escravos no Brasil, faziam uma viagem terrível. Para acalmar o pavor das crianças, rasgavam suas vestes e com os trapos faziam essas bonecas.



Foto: Acervo da autora



Foto: Acervo da autora



Foto: Acervo da autora



omenagem

A presença de Alfredo Leme Coelho de Carvalho no acervo do Jornal Diário da Região

Patrícia Reis Buzzini
Cadeira nº 02

Intelectual brasileiro, Alfredo Leme Coelho de Carvalho partiu desta vida em 7 de maio de 2017, aos 85 anos. Deixou esposa, duas filhas, um filho e netos. Natural de São José do Rio Preto, o professor, pesquisador e lexicógrafo foi o detentor da cadeira número 2 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura (ARLEC), a qual tenho imensa honra (e desafio) de ocupar. Na juventude, frequentou o Instituto de Educação Monseñor Gonçalves, formando-se, posteriormente, em Letras anglo-germânicas pela Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro. Em 1968, fez pós-graduação na Universidade de Iowa, nos Estados Unidos da América, seguida por doutoramento na UNESP. Lecionou na UNESP de Rio Preto como titular de línguas anglo-germânicas, de onde foi diretor, tendo também lecionado na Universidade Federal da Paraíba e na Universida-

de Federal de Alagoas. Foi presidente da Associação Brasileira de Professores Universitários de Literatura Americana, Língua e Literatura Inglesa (1971 a 1973). Com vasta obra publicada, seus livros encontram-se espalhados por bibliotecas e sebos ao redor do mundo. Por obra do acaso, acabei encontrando e adquirindo, em um sebo na região central da cidade, o livro "O simbolismo Animal na Obra do Padre Manuel Bernardes" (1995), com anotações feitas à mão pelo professor, que pretendia republicá-lo numa edição ampliada. Infelizmente, soube que o acadêmico não teve tempo suficiente para realizar essa proeza. A título de curiosidade, compartilho uma página retirada do livro em questão:

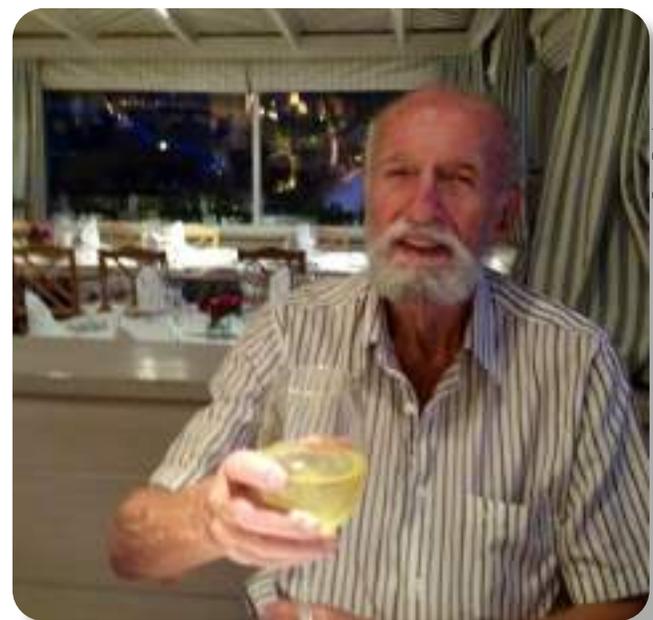


Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

O Simbolismo Animal na Obra do Padre Manuel Bernardes (HD Editora - 1995).





No acervo de matérias publicadas pelo Diário da Região, encontrei várias menções ao professor Alfredo Leme Coelho de Carvalho, em artigos e matérias publicadas ao longo dos 73 anos de existência do jornal, tendo selecionado algumas delas para compartilhar com os leitores da Revista Kapiiuara.

Em nove de maio de 2017, foi publicada uma matéria sobre o legado do professor Coelho de Carvalho, falecido há dois dias em decorrência de uma pneumonia. Como relata o jornalista Harlen Félix, o trabalho intelectual do professor foi tão intenso que ainda havia obras a serem publicadas mesmo depois de sua partida, entre elas a nova edição do livro “O Simbolismo Animal na Obra do Padre Manuel Bernardes”. Nessa matéria, o editor Paulo Rezende, responsável pela publicação do livro, explica: “O Professor Coelho havia me procurado há pouco mais de um mês para publicarmos esse livro, com quase 500 páginas. Trata-se da ampliação de uma pesquisa que ele já havia feito sobre as referências a animais e insetos na obra do Padre Manuel Bernardes. É um trabalho minucioso, que traz, além da origem e da aplicação de cada bicho nos escritos do autor português, referências mitológicas e culturais de diferentes povos”. Para Rezende, essa publicação apenas reforçaria o intelecto, a memória e a lucidez que o professor Coelho de Carvalho manteve até os últimos dias de sua vida. “A gente se conheceu em 2014, quando publicamos seu primeiro livro pela Vitrine (Literária). Ele era um pesquisador nato, que discorria sobre os mais diferentes temas com uma memória invejável. A última vez que o vi, ele estava bem abatido, mas mantinha sua lucidez de sempre”, comenta o editor.

Pela Vitrine Literária, Coelho de Carvalho lançou, em 2015, o “Dicionário de Expressões Idiomáticas Inglesas”, concebido em parceria com o professor e acadêmico Pérsio Luís Marconi, e,



Foto: Divulgação

em 2016, *A Fascinante Ficção* de Lygia Fagundes Telles. Segundo Rezende, os livros publicados pelo professor Coelho de Carvalho fazem parte do acervo de bibliotecas de 20 países. Entre eles, o mais conhecido é “Interpretação da Poética de Aristóteles”, lançado em 1998.

Em 19 de novembro de 2016, consta uma matéria intitulada *Realismo quase fantástico*, que divulga o lançamento do último livro do professor Coelho de Carvalho, “*A Fascinante Ficção de Lygia Fagundes Telles*”, pela editora Vitrine Literária. Com prefácio assinado pelo médico psiquiatra e acadêmico Wilson Daher, a obra abarca seis estudos críticos sobre os contos da autora cujo estilo era admirado pelo professor. Em entrevista ao jornalista Beto Carlomagno, Coelho de Carvalho afirma: “Escolhi seus contos porque eles são admiráveis. Há muitos anos venho lendo Lygia Fagundes Telles e diversos pontos de seu trabalho me chamam a atenção, como seu estilo de realismo, que me remete ao de Machado de Assis, e à sua construção de personagens”. Segundo o professor, a comparação com Machado de Assis se dá por Lygia Fagundes Telles criar personagens complexos, repletos de camadas e conflitos, brilhantes, como ele mesmo descreve: “Costumo dizer que há dois tipos de realismo. O de Eça de Queiroz, que vê as coisas como elas são exatamente, que descreve a ação como aconteceu e ponto, e o de Machado, que também descreve a ação antes da ação, aquilo que se passa dentro da mente do personagem,



mostrando o que poderia ser e o que realmente é, e todos os conflitos internos até a ação estar completa". Como consta na matéria, o professor utilizou o conceito de Edward Morgan Forster, presente no livro "Aspectos do Romance", para descrever esses personagens como "planos" ou "esféricos". Contudo, o professor Coelho de Carvalho afirma preferir utilizar a palavra "envolvente" para descrever os personagens que ainda estão em evolução, que se alteram ao longo da narrativa. Segundo o professor, "em Lygia, não existem os personagens títeres. Existem os personagens que têm vida interior, que têm conflitos, principalmente os personagens principais". Para esse livro, o professor afirma que a seleção dos textos foi feita levando em conta as obras mais estranhas da autora, obras que apresentavam fatos que despertaram sua curiosidade de análise: "A ficção da autora me encanta por ser realista e ainda assim se dedicar à análise da mente do ser humano".

O primeiro capítulo de "A Fascinante Ficção de Lygia Fagundes Telles", que mergulha no conto Helga, seria um bom exemplo de narrador infiel, segundo Coelho de Carvalho: "O narrador infiel é aquele que participa de alguma forma da história, mesmo que ele não seja um personagem direto. Entretanto, ele não é só aquele que engana, é aquele que tem uma opinião sobre a história e essa opinião pode, e normalmente é, diferente da do autor", explica. Por sua vez, a peculiaridade e o simbolismo da literatura de Lygia Fagundes Telles são abordados no segundo capítulo do livro, que utiliza os contos O Moço do Saxofone e A Caçada como base para análise. A partir do conto Papoulas em Feltro Negro, o professor analisa a tensão informativa, que é criada pela dúvida instalada na mente do leitor em face das interpretações dos fatos apresentados. No quarto capítulo do livro, Coelho de Carvalho analisa o conto intitulado Anão de Jardim, que

parte de uma premissa impossível, a de um anão de jardim, feito de pedra, como narrador. Em A Coerência do Contraditório, o professor rio-pretense analisa como o conto Senhor Diretor se encaixa em todas as observações feitas por Aristóteles sobre a tragédia em Poética. Por sua vez, os contos O Barril de Amontillado, de Edgar Allan Poe, A Causa Secreta, de Machado de Assis, e Venha Ver o Pôr do Sol, de Lygia Fagundes Telles, são analisados por sua semelhança criada pelo tema do sadismo, encerra.

O historiador e acadêmico Agostinho Brandi assina a crônica intitulada "Tributo a um mestre", publicada em 16 de maio de 2017. Nesse texto, Brandi discorre sobre a sólida cultura e o saber de Alfredo Leme Coelho de Carvalho, e conta que conhecia o professor Alfredo de longa data, desde 1946, quando eram colegas de classe no Colégio Estadual "Monsenhor Gonçalves". Segundo o historiador, Coelho de Carvalho sempre foi bastante aplicado, muito estudioso, um dos primeiros da turma. Apesar do invejável currículo, Brandi relata que o professor nunca parou de estudar e de aprender. "Assim, dotado de sólida cultura e saber, versado em múltiplas disciplinas, poliglota, enfim, um reconhecido intelectual, com uma brilhante carreira docente, um incansável pesquisador e talentoso escritor, conservou sempre uma peculiar modéstia, avesso aos holofotes". Ao se tornarem confrades na ARLEC, o historiador relembra que Coelho de Carvalho foi, reconhecidamente, um dos membros mais entusiasmados dessa instituição. Mesmo doente, conta que o professor Alfredo estava presente na maioria das reuniões da diretoria da Academia e, em seus numerosos eventos culturais. Nestas singelas linhas, Brandi resume uma justa celebração ao talento desse rio-pretense que muito dignificou nossa cultura e o ensino. "Sua figura e seu saber ficarão gravados para sempre nos anais da memória local", afirma.





Foto: Divulgação

O acadêmico e crítico de arte Romildo Sant'Anna, que prefaciou o livro *O Simbolismo Animal na Obra do Padre Manuel Bernardes* (1995), também dedicou algumas palavras ao professor Coelho de Carvalho no jornal *Diário da Região*, em 18 de maio de 2017. Ao saber do falecimento do professor Alfredo, Sant'Anna conta que se voltou emocionado às páginas do livro em questão, a lembrar-se do colega, dileto amigo, criador de passarinhos e colecionador de dicionários que já não mais se editam. De acordo com Sant'Anna, foi múltipla a atuação de Alfredo no mundo das letras e das artes: "Passava pela interação contínua com os leitores, em colaborações aqui mesmo no *Diário*, intervenções em congressos universitários, sua lida como docente de literatura, orientador de teses acadêmicas e publicações de ensaios em revistas especializadas. Com persistência e acuidade, destilou sua energia investigativa sobre a criação estética e ciência das linguagens". Como relata Sant'Anna, a limpidez estilística dos textos escritos pelo professor Coelho de Carvalho, prezando pela exatidão das palavras e se abstendo dos termos obscuros, imprimem-lhe a feição douta do trabalhador contumaz e sensível. "O contato com a pessoa amável, seus sorrisos a esboçar tímidas malícias, o professor aplicado e seus escritos nos gratificaram. Foi um privilégio o desfrute de sua tenacidade e brilho incomum, até o fim da vida. Cidadão universal, culto, um rio-pretense emérito (1932-2017)", finaliza.

Embora tenha concluído minha graduação e pós-graduação, mestrado e doutorado em Estudos Linguísticos na UNESP de Rio Preto, infelizmente não tive a oportunidade de trocar palavras ou de frequentar a mesma sala de aula que o professor Coelho de Carvalho. Contudo, sinto-me agraciada por ocupar a mesma cadeira que um dia pertenceu a esse intelectual admirável, que certamente não será esquecido por nós.

Referências

- A Ficção Distópica de Huxley e Orwell* (Cultura Acadêmica Editora - 1969)
- Dicionário de Regência Nominal Inglesa* (Vozes e Edusp – 1978)
- Foco Narrativo e Fluxo da Consciência* (1981)
- O Simbolismo Animal na Obra do Padre Manuel Bernardes* (HD Editora - 1995)
- Interpretação da Poética de Aristóteles* (Editora Rio-pretense - 1998)
- O Narrador Infiel e Outros Estudos de Teoria e Crítica Literária* (THS Editora - 2006)
- Dicionário de Regência Nominal Portuguesa* (2007)
- Dicionário de Expressões Idiomáticas Inglesas*, com Pérsio Luís Marconi (Vitrine Literária - 2015)
- A Fascinante Ficção de Lygia Fagundes Telles - Seis Estudos Críticos* (Vitrine Literária – 2016)



omenagem

Wilson Romano Calil Presença da Voz (ou Erigindo-se um Prefácio)

Romildo Sant'Anna
Cadeira nº 01



Foto: Divulgação

Se me perguntarem o porquê da expressão aí em cima, não conseguiria responder prontamente. O peso da honra e, com ele, a responsabilidade de prefaciá-lo um livro de Wilson Romano Calil travou-me o engenho, a arte e artimanhas possíveis da linguagem. Então, acostumado aos embaraços de desvencilhar-me de atrapalhos da escrita, digitei no cabeçalho “Presença da Voz”, em esperança de que o mero enunciar daqueles signos me ajudasse a sair da berlinda. E de que os conceitos nele contidos fossem espontaneamente puxando outros, na roda-viva do discurso apinhado de conceitos. Assim, em estado de afrouxamento mental, confesso-lhe um segredo: em certas ocasiões empreendi inícios de textos de maneira semelhante, amparando-me em va-

gas alusões, pegadas de significados, motivações semânticas e estímulos sonoros. Na maioria dos casos naufraguei bisonhamente agarrado num feixe disforme de signos; noutros, fui relativamente feliz, mais por mérito das palavras em si, a girarem reluzentes no enigmático mundo de palavras.

Por que não um título como “Presença da Voz” – fiquei aflito a perguntar-me. O signo “presença” remete à ideia de comparecimento, assiduidade no presente; é o fato de alguém existir nalgum lugar. Pressupõe sentidos como de “talhe”, de “porte”, de “alguém que chama a atenção” em frases como “Aquele jovem orador fez uma *bela presença* entre os formandos da Escola Nacional de Medicina do Rio de Janeiro”. Alude





igualmente a “vitalidade” e “participação afetiva”, em enunciados como “A firme *presença* daquele tribuno comoveu a plateia”. Isto sem esquecer locuções como *presença de espírito* (faculdade de reagir prontamente e de forma lúcida), *em presença de* (Em presença da multidão o orador é brilhante.), ou *marcar presença* (O discursista apenas chegou e já foi reconhecido.). Para os que o conhecem pessoalmente ou o escutaram ao microfone – pergunto outra vez –, as variações em torno do substantivo “presença” não lembrariam os atributos extraordinários de oratória do médico, humanista e advogado Wilson Romano Calil? (Arre, pressinto que dei o impulso inicial para a escrita do prefácio; divagações sobre a “voz”, lá do título, ficam provisoriamente adiadas!).

Tive contato com este livro inda em estado de embrião. Calil convidou-me a seu consultório (consultório de tantas consultas!) e me lisonjeou com a oferta de redigir este prefácio. Perguntou-me entrando logo no assunto: O que é essencial a um bom orador? Pensei em responder-lhe “o dom da oratória”, mas me aparteu: Aprender a técnica, ter domínio da linguagem. E é isto o que me proponho explicar no livro – disse ele. Acrescentou outra assertiva: oratória é um ato intencional governado por regras e prescrições.

Embasbaquei-me. A matéria é árdua, quanto mais para alguém que se propõe a partilhar experiências a partir de sua prática quase instintiva e inata como admirável orador. Em seguida, solicitou-me que lesse em voz alta algumas passagens insertadas no livro – poemas e trechos em prosa. Atendi não querendo decepcioná-lo e, após, ele me chamou a atenção sobre como eu poderia ter tirado proveitos estilísticos de detalhes prosódicos, das modulações da voz, pronúncias alternadas de tons, encadeamentos rítmicos, pausas e realces de intenções sonoras e semânticas. E, para o meu regalo, leu-me com voz impostada os mesmos trechos literários. Eis a “presença da voz” e o refinado pendor para falar em público,

deliberada e afetivamente, com maestria. Por fim, confidenciou-me a fundamental e melhor das intenções em seu inédito volume: as orientações teóricas nele contidas poderiam estimular os interessados em deslindar os segredos da oratória, o uso eficaz da matéria verbal, coesão discursiva e consistência de raciocínio.

Voltei à casa, movido pelo afã de não desapontá-lo como prefaciador. Pensei e repensei nos conteúdos dos capítulos que pude ler, ouvir e admirar. E a maioria de meus pensamentos não se desvincilhava das reflexões já expostas no livro, tudo com denodo e precisão cirúrgica. Para se assimilar intelectualmente os segredos da oratória, ensina Wilson Romano Calil, é necessário compreender as intenções e predicados de *quem fala, do que se fala, a quem se fala, fala-se por meio de quê e que efeitos se pretende com a fala*. Implica instinto para manipular os segredos da transmissão e recepção de mensagens – um dos apanágios humanos que levariam nosso mundo, finalmente, ao estado de concórdia. A palavra expressa, como a fé, tem o condão de remover montanhas. Contudo – em casos não tão singulares – quantas vezes a perícia, simpatia plenária, eloquência e espírito persuasivo de *quem fala*, em incursões políticas e forenses, levaram a humanidade a injustiças e barbáries? Que não ouçamos jamais a voz de Adolf Hitler! E, num exemplário admirável de engenhosos discursos, basta-nos examinar o sofisma acusatório do senador Cícero contra o nobre Catilina para aferirmos as maravilhas e perigos duma peça de oratória:

Até quando, enfim, ó Catilina, abusarás da nossa paciência? Por quanto tempo ainda esse teu rancor nos enganará? Até que ponto a [tua] audácia desenfreada se gabará [de nós]?

Ou, na dimensão dramaturgic que só o virtuosismo de Shakespeare nos concederia, a encan-



tatória fala de Antônio, ante o corpo ensanguentado de César, para o ensandecimento da plebe em revolta contra Brutus e seus aliados:

Concidadãos, romanos, bons amigos, concedei-me atenção! Vim para o enterro fazer de César, não para elogiá-lo. Aos homens sobrevive o mal que fazem, mas o bem quase sempre com seus ossos fica enterrado. Seja assim com César. O nobre Brutus vos contou que César era ambicioso. Se ele o foi realmente, grave falta era a sua, tendo-a César gravemente expiado. Aqui me encontro com a permissão de Brutus e do resto.

Na antiguidade clássica, o diálogo de Platão intitulado *Górgias* filosofa sobre essa modalidade de retórica. Seu objetivo é persuadir meias verdades e embustes junto “aos juízes nos tribunais, aos conselheiros no conselho, aos membros da assembleia na assembleia e em qualquer outra reunião pública”. Na mesma linha dos sofismas, conclama provocativamente Joseph Conrad, no prefácio de *A Personal Record*: “Dê-me a palavra e o acento certo e eu moverei o mundo”. Não é simples assim, inda que nesse exagero vague um tanto de justeza e maquiavelismos.

Grosso modo, ao estudar os efeitos da elocução sobre os auditórios (o grande orador é um especialista em despertar sentimentos consensuais na plateia), o ensaio “Contribuições dos Especialistas em Língua Falada para o Estudo da Comunicação Humana”, do pesquisador norte-americano Robert T. Oliver, esclarece que “o discurso oral é tipicamente pedido para situações sociais que só vagamente são previsíveis. Um elocutor tem que desenvolver uma capacidade generalizada de colocar em foco o que ele sabe, conhece e sente a respeito de uma variedade de assuntos; e deve estar apto a fazer isso com adaptação sensível às suscetibilidades, necessidades e resistências de diversos tipos de ouvintes, numa grande variedade

de de circunstâncias”. Tais assertivas nos levam a perceber que os componentes essenciais da oratória – da sempre bela e às vezes terrível oratória – não se restringem ao desempenho cabalmente linguístico, mas, adaptando-se às plateias no instante-mesmo da elocução, se expande noutros campos e formas de linguagens para a consolidação dum corpo complexo e coeso de sentidos, significados e significações. Em sua natureza peculiar como forma de comunicação, o cunho expressivo e impressivo do discurso... Porém... Porém, desisto de ir por esse caminho porque fatalmente me perderia em lucubrações inda mais dispersivas. Desisto e me inquirio irresoluto: por que trilhas finalmente eu percorreria para cunhar em termos aceitáveis o prefácio deste livro?

Já se viu que os solenes discursos de Cícero e de Antônio há pouco citados foram concebidos para a locução *in praesentia*. São exemplares textos de oratória que implicam a “presença da voz”, em última instância, ingredientes da arte retórica, das técnicas corporais e literárias de expressão, e da estética da oralidade. Isto me faz pensar em situações conjunturais muito próximas de nós e que se confirmariam no cotidiano brasileiro. Em nosso país, no estágio sociocultural em que estamos, temos que levar em conta até o paradoxo da “descomunicação” como ato sedutor da comunicação. Somos uma nação vocacionada mais para os auditórios que para as bibliotecas; estufamos o peito com vistas a nos depreciarmos. Em situações bizarras, não poucas vezes ouvimos de negligenciados eleitores à frente de palanques exclamações que assim semelham: “Não entendi nada do que o doutor falou, mas que falou bonito, ah, isso falou.”. Cultura ornamental depravada, vazia de quase tudo, mas impressionante!

Tupy or not tupy, that is the question! – esse é o grito apaixonado oswaldiano, não diante da caveira inerte, mas do extraordinário país em construção. Disse há pouco que somos uma nação



mais afeita aos auditórios que aos livros. Povo de poucas letras, mas sensível que só vendo, é rebaixado por alguns à categoria ignóbil de zé-povinho. Esses “alguns”, metidos a letrados e donos dos poderes, são os protagonistas endêmicos do progresso emperrado. Destarte, empunham a bandeira da ordem. Ordem e progresso! Porém, voltando ao livro de Wilson Romano Calil, seu campo investigativo e pedagógico é a cultura de auditórios, pois, em resumo, o orador fala e os ouvintes se transformam.

Não faço ideia de quantos ilustres senhores eram realmente imbuídos da riqueza vocabular e morfológica e das sutilezas sensório-emocionais da língua latina, e se abrigavam entre os mármores do senado quando Marcus Tullius Cicero pronunciou sua antológica peça de oratória, em 63 a.C. No entanto, ela se fez notícia e atravessou oceânicos milênios, sempre de boca em boca, de tradução em tradução. Tampouco sei quantos ouvintes fruíram em sua magnitude a maravilha de Willian Shakespeare, nos infectos e desatentos teatros seiscentistas de Londres. Obras tão sofisticadas eram pra poucos entre os poucos.

Já vou terminar o prefácio, mesmo que o perceba como uma colcha de retalhos. Os textos longos e fragmentados são por demais tediosos, beliscam a paciência e suas virtudes se esmaecem, mesmo que sob a batuta e verve dum orador contumaz e talentoso. Mas, para um olhar crítico sobre nossa realidade, cito em desfecho um ensaio de Otto Maria Carpeaux (“A Literatura e os Alfabetizados”), publicado há quatro décadas:

Em outras épocas, no passado, o caráter aristocrático da arte literária era apoiado pela falta de alfabetização das massas. Voltaire, no *Dictionnaire Philosophique* (verbete “Goût”) avalia em 3.000 o número de pessoas que, na França do século 17, liam as obras de Racine e La Bruyère. A grande literatura italiana, de Dante e Petrarca até Carducci e Verga, no fim do século

19, foi produzida para um povo do qual 75% das pessoas não sabiam ler e escrever. Goethe e Schiller, por volta de 1800, enfrentaram um povo alemão de 80% de analfabetos. O fato novo, hoje, é o seguinte: todos (pelo menos na Europa) sabem ler; mas nem queiram perguntar, por favor, o que é que eles leem.

Reflexões sobre a arte da oratória, este é o campo fecundo e provocativo deste livro. A relevância do grande discursista – ousaria acrescentar – é ter discernimento para auscultar finamente *o a quem se fala, quando e onde*. Tal capacidade e refinamento da alma é que balizarão o *quê* e o *como se fala*. E, a par das teorias retóricas, saber avaliar o pulsar afetivo do “distinto público”.

Nem sei se o que aqui foi escrito tem mesmo o sintoma dum prefácio. Ou dum charuto de ideias interpoladas cujo teor simbólico seria acercar-me das razões e desejos sempre iluminados de um grande amigo: Wilson Romano Calil. Como ele diria aos sábados, em empolgantes editoriais televisivos e, num remoçamento da “chave de ouro” com que tantos e tantos oradores fecham seus discursos, singelamente, tenho dito.



Homenagem a Wilson Romano Calil,
Patrono da cadeira nº 25.
(Prefácio do livro “Oratória e Retórica”,
de Wilson Romano Calil.
São José do Rio Preto,
Raízes Gráfica Editora. 2013)



omenagem

Dr. Alejandro Caballero: Um fidalgo nas letras

Loreni Fernandes Gutierrez

Cadeira nº 19

Não tive o prazer de conviver com o Prof. Dr. Alejandro Caballero y Garcia-Barba de Figueroa, patrono da cadeira número 19 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura - ARLEC, a mim destinada e com a qual eu me sinto muito honrada.

Natural de Vigo, Espanha, Dr. Alejandro se formou em Letras Clássicas em Salamanca, em 1945; Filosofia em Madri, em 1.949; Física e matemática em Barcelona, em 1.952; Teologia, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, em 1.957, no RS – onde também fez doutorado em Filosofia em 1.964 e bacharel em Direito em 1.976. Lecionou durante um pequeno período em São Leopoldo, RS e na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba. Em Rio Preto foi professor da UNESP de 1966 a 1983.

Catedrático, que era, foi professor de filosofia no Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus durante dezenove anos, estreitando laços e deixando saudade. Organizou a Escola Técnica de Eletrônica de Santa Rita do Sapucaí-MG, entre 1958 e 1962 e foi o seu primeiro diretor.

Era filósofo, advogado, escritor e foi vice-cônsul da Espanha de 1977 a 2011. Segundo li, após receber o título de cidadão honorário Espanhol de Vigo, Galícia-ES, Caballero se mudou para o Brasil, aos 28 anos. Ordenado padre jesuíta, abandonou a batina porque aqui conheceu a bela professora Maria Elisabete Silva, com quem se



casou em 1965 e teve os filhos: Alexandre Augusto (falecido) e Carmem Elisabete.

Conforme artigo publicado pela jornalista Cecília Demian, no Diário da Região, Caballero foi um dos homens mais sábios de nossa cidade e rescendia dignidade e cultura. Foi um pensador como poucos, dotado, ainda, de um idealismo profundo. Segun-

do Cecília, Caballero pregava num deserto com suas citações e reflexões, pois vivia numa cidade que priorizava festas de peão. E isto, dito por ela, fazia-o sorrir.

Consta que quando o Dr. Caballero se foi, em agosto de 2011, com sua profunda formação cristã, a cidade perdeu um cavalheiro no sentido explícito da palavra, numa mistura de amabilidade e de altivez – de educação, cultura e solenidade. Ele era, de veras, um fidalgo.

Caballero, que já havia perdido prematuramente o filho Alexandre, teve mais um revés em 2007, com a morte da mulher e das netas Júlia e Maria Isabel, filhas de Carmen, num grave acidente da TAM. 187 pessoas perderam a vida nesse acidente aéreo.

A partir daí, passou o consulado para a filha e se enfiou nos livros, sem nunca deixar de praticar o bem. Caballero estudava genealogia com afinco, cuidando da documentação e benefícios da colônia espanhola radicada na região e de dependentes que buscavam dupla cidadania.





Revista Kapiiuara

Talvez ainda esteja, na parede de seu escritório, o brasão dos Figueroa, símbolo nobiliárquico de respeito e outros distintivos recebidos durante a vida, com os quais convivia discretamente em seu cotidiano. É autor dos livros: *Cosmologia e o Contínuo Indivisível*, *A filosofia através dos textos*, *Metodologia da pesquisa genealógica e Filosofia do humano I*.

Sucessora que sou de sua cadeira na ARLEC, acredito, pelo que li e ouvi, que o fidalgo Alejandro Caballero nos deixou um legado de conhecimento, de ética e de honra que ecoará pela eternidade.

Quanta honra para mim, Dr. Alejandro Caballero! Sou-lhe muito grata!

Foto: Divulgação

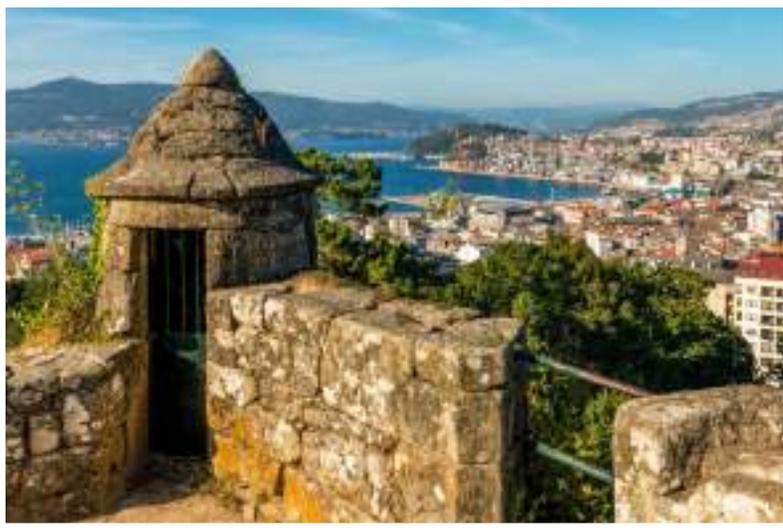


Foto: Divulgação

Paisagens de Vigo, Espanha, terra natal do Prof. Dr. Alejandro Caballero y Garcia-Barba de Figueroa.

Foto: Divulgação





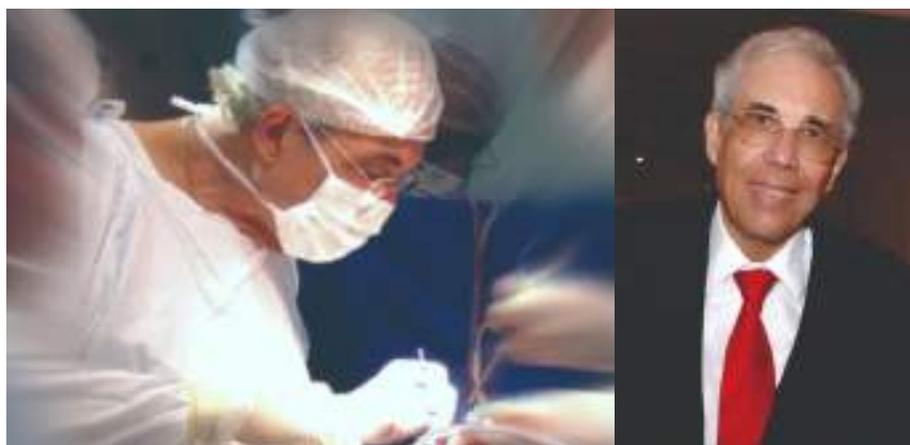
Homenagem

Domingo Marcolino Braile

Que falta imensa ele me faz...

Elma Eneida Bassan Mendes
Cadeira nº 11

"Faleceu nesta madrugada em sua casa, em São José do Rio Preto, aos 81 anos de idade, o cirurgião cardiovascular Domingo Marcolino Braile."



Eis a notícia que eu nunca, jamais pensei em dar. E foi, justamente essa a notícia que eu transmiti aos colegas da imprensa naquele triste domingo de 22 de março de 2020. Fui assessora de comunicação de Domingo Braile por mais de trinta anos. Honra, privilégio e aprendizado. Ele foi o melhor companheiro e parceiro de trabalho que eu jamais imaginei ter. Com ele criei e editei por mais de vinte anos um informativo intitulado A Semana, que ainda existe na empresa Braile Biomédica, de propriedade da família Braile. Tudo em "A Semana" lembra o seu fundador e o seu mais apaixonado e exigente leitor e entusiasta. Nas mais de duas décadas em que ajudei a produzir o jornal, eu tive a melhor das fontes. O mais ativo correspondente. O mais atento e responsável repórter que uma redação possa de-

sejar. O mais culto editorialista e articulista. Mas, principalmente, em todas as centenas de edições que fizemos juntos, ele próprio era a minha melhor notícia!

Sim, Dr. Braile e suas viagens, conferências, pesquisas, homenagens. Dr. Braile e seu olhar único para o futuro e para a inovação. Dr. Braile e seus muitos amigos que o reverenciavam. Dr. Braile e seu espírito inquieto com seus sonhos que nos contagiavam. Dr. Braile e suas novidades tantas. Dr. Braile sempre foi a minha mais espetacular notícia. Em nossas conversas para escrever a sua biografia, ficou claro para mim que ser notícia, e das boas, sempre fez parte da sua história. Sua vida foi tonel do mais seletto vinho. A nascente da água mais pura. Tudo nele foi muito e de excelente qualidade, fina textura,



iguaria desejável. Seu espírito foi de abundância sem limites. Não existiu nele pequenez, nem fragilidade em seus sentimentos e atitudes. Homem que rejeitou o raso da existência. Sem barreiras para paixões ou desejos. Mergulhou profundo em todas as vivências – seja descendo aos mais terríveis abismos ou alçando nuvens celestiais. Suas emoções foram épicas, densas. À flor da pele, sempre, foram seus anseios e buscas. Foi assim que ele viveu. Cravado na certeza de que a missão de consertador de corações, tão bem definida para ele nesta existência, lhe exigiu fé, paixão e genialidade. A notícia que ele se foi ainda dói. A saudade já é grande. Que falta imensa para este mundo o Dr. Braile vai fazer.

COMO ELE SABE TANTAS COISAS?

Reproduzo, a seguir, o prefácio que escrevi para o livro “Crônicas de um médico do sertão”, de Domingo Braile, lançado em 2008. Foi o segundo livro que prefaciei para ele. Neste eu respondo a uma questão que muitos me perguntavam durante o tempo que para ele prestei assessoria. “Como o Dr. Braile sabe tantas coisas?” Já perdi a conta de quantas vezes respondi a essa pergunta nos últimos 25 anos. Às pessoas, digo sempre que o Dr. Braile sabe tantas coisas porque ele, lógico, além de ter nascido muito inteligente, tem ainda cultura invejável, raciocínio privilegiado, é um pesquisador incansável, adora ler e estudar, entre outras e muitas qualidades que o fazem reconhecido e admirado. Mesmo assim, confesso, não dei a todos a melhor resposta, a explicação mais completa, e o faço agora, ao merecer, novamente, o privilégio de compor o prefácio de mais um livro seu. Na tarefa de apresentar os motivos que o fazem saber tantas coisas, encontro ajuda em seu autor preferido, Antoine de Saint-Exupéry, que escreveu: “Se queremos um mundo de paz e de justiça temos que pôr decididamente a inteligência a serviço do amor”. Quem conhece, mais de perto, o trabalho e o exemplo de vida

do Dr. Braile, sabe que seu conhecimento circula do cérebro diretamente para o coração, em uma voltagem contagiante e arrebatadora. E é a serviço do amor que está toda sua capacidade. Amor à profissão. Seja no zelo e compaixão com os pacientes e seus familiares, ou na preocupação ativa, efetiva e valorosa, de transmitir experiência e capacitação aos jovens médicos, e, ainda na batalha diligente por mais recursos para a Saúde.

Amor à Rio Preto. Aliás, amor incondicional à cidade que ele chama de “pedaço de paraíso”, cujo passado reverencia em histórias incríveis e relatos que avivam a memória e, por isso, mexem com a saudade. Amor que o faz reclamar de sua gente “uma inquietação capaz de mudar, criar e realizar uma Rio Preto prospera, renovada e agradável para se viver”.

Porque ele sabe tantas coisas, Dr. Braile assume sua responsabilidade diante de sua profissão, de sua cidade, de seu próximo e, de forma inexorável, diante do futuro. Assim é que a sua visão se assemelha a mais verdades como essas, de Saint-Exupéry:

“Ser homem é ser responsável. É sentir que colabora na construção do mundo.”

“Na vida não existem soluções. Existem forças em marcha: é preciso criá-las e, então, a elas seguem-se as soluções.”

Neste sentido, Dr. Braile tem sido um colaborador eficaz, um criador talentoso, um batalhador atento e muito perseverante. Finalmente, para quem deseja conhecer mais sobre o saber do Dr. Braile, fica aqui um parecer que é meu, uma impressão particular que tenho sobre ele. A admiração que o Dr. Braile nutre pelo autor do Pequeno Príncipe passa pela coincidência de serem, ambos, escritores e pilotos, e vai além. Trata-se de uma semelhança de alma, aspirações e sentidos, de quem vive além de seu tempo e voa livre, acima de suas próprias angústias e até indagações.

Dessa forma, poderia afirmar, com absoluta convicção, serem do Dr. Braile as seguintes pa-



lavras de Exupéry: “o que conduz o mundo é o espírito e não a inteligência.”

1938-2020

Pioneiro que transformou a realidade da cirurgia cardíaca no Brasil, levando-a para o interior do País e tornando-a possível às populações distantes das capitais, o cirurgião cardiovascular Domingo Marcolino Braile deixa um legado incomensurável para a especialidade em todo o mundo. São incontáveis as suas contribuições, mas as duas que se destacam são ter expandido as fronteiras da cirurgia cardíaca para todo território nacional e para outros países, e ter produzido equipamentos e materiais cirúrgicos acessíveis a toda população. Esses dois fatos são de importância inigualável e abrangência estupenda e marcam sua história de forma brilhante. Em 1963 trouxe de forma inédita a cirurgia cardíaca com circulação extracorpórea para o interior do Brasil, precisamente para São José do Rio Preto, onde foi sócio fundador do Instituto de Moléstias Cardiovasculares de São José do Rio Preto. Em 1977, fundou a Braile Biomédica, indústria rio-pretense de produtos e equipamentos para cirurgias cardiovasculares. Graças a esta iniciativa e esforço, que envolveu sua esposa e filhas, realizou um dos seus maiores sonhos: prover o Brasil com materiais que fossem acessíveis a população brasileira. Ele foi além do sonho. Graças a sua indústria, o Brasil hoje é autossuficiente em produtos para cirurgia cardíaca. A empresa é referência mundial em válvulas, *stents*, oxigenadores e possui estado da arte na fabricação e em tecnologia de pesquisa avançada.

O cirurgião, a partir de 1968 foi por mais de 30 anos Diretor Clínico do Hospital Infante Dom Henrique da Beneficência Portuguesa de Rio Preto. Além da Beneficência Portuguesa, Hospital de Base de Rio Preto e do Hospital de Clínicas da UNICAMP, criou e implantou 21 Serviços Médicos em diversos Centros e Hospitais, exercendo



Foto: Divulgação

o cargo de Chefia do Serviço de Cirurgia Cardíaca e Residência Médica em 7 deles.

Domingo Braile foi Professor Titular Livre Docente em Cirurgia Cardíaca e um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Rio Preto, onde além de professor foi Pró-Reitor de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Saúde. Foi consultor *ad hoc* do CNPq e FAPESP. Orientador da FAMERP, da UNICAMP e da EPM UFSP.

Realizou 25 mil cirurgias cardíacas, participou de mais de 200 bancas examinadoras e orientou mais de 50 dissertações e teses. Proferiu mais de 1000 conferências, apresentou mais de 700 trabalhos e recebeu mais de 50 prêmios.

Foi presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular e por 18 anos o Editor Chefe da revista da entidade, tornando a *Brazilian Journal of Cardiovascular Surgery*, a única publicação internacional do hemisfério sul, com a indexação nas principais Bases de Dados do mundo. Também criou as *homepages* da SBCCV e do BJCVS. Foi membro de 25 Conselhos Editoriais e publicou 19 capítulos.

Foi autor de dois livros: *Millenium* (2000) e *Crônicas de um Médico do Sertão* (2009). Foi co-



lunista de jornais de Rio Preto, com mais de 1000 artigos publicados.

Foi agraciado com vários títulos, medalhas e prêmios, dentre os quais destacam-se a Comenda da Ordem do Ipiranga, conferido pelo Governador do Estado de São Paulo José Serra, reservada aos cidadãos que prestaram serviços notórios, o título de Membro Honorário da Academia de Medicina do Piauí, quando recebeu a Comenda da Ordem Estadual do Mérito Renascença do Piauí.

Em 2014 tornou-se Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Em 2013 conquistou o Prêmio Nacional Finep de Inovação 2013 – Categoria Média Empresa – concedido pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Em 2012 recebeu o Prêmio Benedicto Montenegro concedido pelo Colégio Brasileiro de Cirurgiões e o Prêmio INOVA ABIMO 2012 concedido pela Associação Brasileira da Indústria de Artigos e Equipamentos Médicos, Odontológicos, Hospitalares e de Laboratórios (ABIMO).

É Imortal da Academia de Medicina de SP. É Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina. É Membro da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

Piloto privado IFR de avião e planador desde 1955, o cirurgião contabilizava mais de 20.000 horas de voo em 52 anos de aviação. Foi presidente do Aero Clube de Rio Preto por 12 anos e vice-presidente por 18 anos. Médico Examinador da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) à Concessão ou Revalidação de Certificado de Capacidade Física para as categorias de Piloto Privado e Piloto Aerodesportivo - Licenças PP, PPH e PPL.

Foi o representante do executivo municipal na comissão interdisciplinar que instalou em Rio Preto o Parque Tecnológico (ParTec) da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico de São Paulo. Na Fazenda Santa Maria, em Monções, interior de São Paulo, o cirurgião se dedicava ao agronegócio, com plantel premiado de bovinos.



Foto: Divulgação

O cirurgião cardiovascular Domingo Marcolino Braile nasceu em Nova Aliança em 08 de Abril de 1938. Filho do médico Lino Braile e de Maria Neviani Braile, graduou-se médico pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Domingo Braile foi casado por 57 anos com a professora Maria Cecília Braga Braile. O casal teve duas filhas, Patrícia Braile Verdi, advogada e presidente da Braile Biomédica casada com o matemático Luis Antônio Verdi e Valéria Braile Sternieri, cardiologista fundadora do Instituto Domingo Braile e Diretora Clínica da Beneficência Portuguesa, casada com o engenheiro agrônomo Walter Sternieri Junior. São seus netos o engenheiro Rafael Braile Cunha, e os médicos Sofia Braile Giovanni Braile Sternieri e Luiza Braile Verdi.

Em 2019, teve sua biografia escrita por mim, e intitulada "A Céu Aberto, a História de Domingo Braile, o consertador de corações".

Acamado há mais de três anos por sequelas de cirurgia na coluna vertebral, o cirurgião lutava contra mais uma pneumonia que, em seu caso, eram recorrentes.

Domingo Braile tinha 81 anos de idade, quando faleceu, em sua casa, em São José do Rio Preto, no dia 22 de março de 2020.



Homenagem

Carlos Del Nero, um grande sonhador

João Roberto Saes
Cadeira nº 45



O nascimento de um projeto nem sempre se constitui em tarefa muito fácil. As dificuldades iniciais se somam às opiniões muitas vezes inconciliáveis e paira um certo desânimo que pode atrapalhar todo o empreendedorismo nato de alguns.

No caso da ARLEC – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, obviamente não poderia ser diferente. E quase que o sonho de alguns abnegados não se concretiza.

Opiniões divergentes não representam, claro, que o projeto seja ruim, mas criam certas dificuldades quase intransponíveis.

Um grupo formado por pessoas que sentiam a necessidade da criação de uma entidade que pudesse agregar valores culturais e que tivesse como objetivo principal o desenvolvimento cultural de nossa metrópole, foi tomando corpo e

empreendedores como Antonio Florido, Paulo Saraiva, Jaime Amaral, Cecília Demian, Romildo Sant’Anna, Agostinho Brandi acreditaram, assim como eu, na viabilidade da nova entidade.

Faltavam alguns detalhes, como um Estatuto para que a ideia prosperasse. Antonio Carlos Del Nero surgiu “salvando a pátria” e conseguiu um Estatuto que, após as devidas adaptações, serviu como base para a nossa ARLEC.

Del Nero acabou se engajando no projeto e comandou, como Diretor-Presidente, a Academia Rio-pretense de Letras e Cultura nos seus primórdios e foi sucedido por outros importantes acadêmicos que procuraram sempre inserir a entidade no cenário cultural de nossa cidade.

Por isso o ilustre Antonio Carlos Del Nero continua “in memoriam”, sendo importante membro da história da ARLEC. Que Deus o tenha.



Crônica

Nino

João Roberto Saes
Presidente - Cadeira 45

Nino era realmente um ser muito especial...

A alegria contagiante fazia parte do seu dia a dia. Eram realmente contagiantes suas maneiras divertidas de fazer com que as pessoas próximas a ele mostrassem um largo sorriso.

Ainda me lembro de muitas passagens em que Nino fazia com que as pessoas próximas se surpreendessem com suas "tiradas" alegres.

Nino parecia, às vezes, zombar de si mesmo, mas todos sabiam que aquilo não era verdade. E todos se engajavam naquela manifestação de amizade e afeto que somente ele sabia provocar. Era realmente uma grande figura, um simples mas grande ser humano.

A vida parecia muito simples para Nino. Ele tinha, além do apurado senso de humor, uma concepção de vida que ultrapassava todos os limites

imaginários de respeito pelo próximo, pelas pessoas, pelos amigos.

Difícil o dia em que o sorriso de Nino não trazia alento àqueles que, de uma forma ou outra, não estivessem enfrentando um problema. Ele tinha sempre uma saída surpreendente e animadora.

Conheci pessoalmente Nino em minha passagem pela querida cidade de Fernandópolis, nas décadas de 1960 e 1970. Tive o privilégio de ouvir seus relatos, suas histórias e a alegria de viver. Aqueles que também o conheceram, tenho certeza, hão de se lembrar da grande figura humana que foi e da esperança que sempre ele pregou.

Uma grande figura, o Nino. E grande amigo e ser humano, na acepção da palavra. Grande exemplo de homem e de amigo.

Nino nascera sem os dois braços...



Crônica

R.I.P. Hurra, Loreni

Waldner Lui

Cadeira 22

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Então vamos lá. Principalmente para pessoas da minha idade, certos dias são difíceis, porque do nada, vomitam no seu bojo uma agenda de compromissos eletrizantes, jogando no nosso colo, uma incontornável conjunção de fatores que nos fazem mergulhar numa correria frenética. Que ao final, como se queimassem no fogo fugaz dos amores de passagem, acabam sendo relegados ao esquecimento já no dia seguinte.

Dia 18 de janeiro, quando a sonoridade fresca do dia começava a despertar o tecido urbano e o primeiro ar da manhã entrava sem pedir licença – como dizia o escritor uruguaio Eduardo Galeano – chamava os cheiros da cidade que despertava, o aroma de pão quentinho recém-dourado, do café recém-coado, o som dos carros e motos rasgando a rua com seus motores, apoderava-se de mim com aparência sedutora. Acedia-me a um infinito de prazer enquanto eu ainda agradecia em silêncio o favor divino de me manter vivo, de me dar outro dia roubado da morte.

Eis que busco a companhia do meu celular e entro no WhatsApp da nossa ARLEC – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura – cuja aparência é sempre sedutora, para palmear diálogos e informar novidades, pois meus colegas “imortais” consolidam as mazelas do isolamento, estocando palavras, transmitindo compromissos e acarinhando colegas aniversariantes.

Já nas primeiras linhas mergulhei numa mon-

tanha russa chacoalhando sobre os trilhos, ao ler mensagem de uma colega, a Rosalie, com a simplicidade de Cristo, sobre um falecimento. Quando absorvemos as tragédias do cotidiano, possuímos a inclinação intuitiva e preocupação desmedida de caldear dióxido de carbono com a alegria de folhear a vida. “Entre a dor e o humor” – dizia T. S. Eliot em seu célebre poema ‘A terra desolada’ – “não há cabeça que suporte tanta realidade”. Entrei em disforia capaz de escrever silêncios e notar o inexplicável, ao ler o nome de minha colega Loreni Gutierrez, diretora da ARLEC, na manifestação de pesar.

Compreender os propósitos de Deus, muitas vezes pode ser uma tarefa bem difícil, principalmente quando a tristeza bate na nossa porta porque acabamos de perder um ente querido. É preciso forte resiliência diante da contrição de não termos convivido mais com aquela pessoa. São inúmeros os atributos da articulada Loreni, que sempre incorporou ações abrangentes desempenhando papel de relevância na Academia, demonstrando um enorme potencial para se tornar protagonista no cenário cultural de forma expressiva, uma pepita garimpada para fortalecer a entidade, surfando no sucesso das manifestações de conhecimento e dos saberes artísticos. Ativista da cultura, lutando com garra pelo despovoamento artístico e cultural, desde as áreas das letras às artes plásticas, Loreni sempre foi presença importante, assim que passou a ocupar a Cadeira de nº 19. Mandeí uma mensagem no



WhatsApp da Academia: "Guardo na memória aquele sorriso intensamente iluminado e generoso".

Ganha relevância uma notícia dessas que informa que o horário do velório era exíguo porque o enterro seria em sua terra natal, General Salgado. Já no banho, enquanto pedia para que Deus amparasse e confortasse todos os corações feridos pela dor do luto, por terem deixado de ter o privilégio da companhia dela, comecei a programar meu dia: pedir para a concessionária acelerar o processo de revisão do meu carro, buscar mais cedo o pedido de exames na clínica médica, rezar para que o dentista fosse conciso no meu atendimento. Liguei para a funcionária ser pontual na cozinha e cheguei em casa ao meio-dia, pronto para engolir em duas garfadas o meu almoço. Mal conversei com o Eduardo e levantei da mesa, sem sobremesa, para trocar a bermuda por uma calça, escovar os dentes e partir para o velório colocando o cinto no elevador, pois o traslado seria às 13 horas.

Cheguei lá dez minutos antes do horário, parecendo aqueles garçons que disfarçam porque

precisam correr para agilizar o serviço, mas não podem, tentando nas muitas salas de velório, ver no anúncio da porta, o nome dela. Eram mais de oito naquele dia. Procurava pelo nome de Loreni. Olhava na porta e saía frustrado. Até que num deles, uma moça que estava dentro da sala, me chamou:

– A Loreni? E apontou para o caixão.

Mas eu argumentei:

– Na porta está escrito que o velório é de Maria da Conceição.

– Então... – respondeu a moça, achando que eu soubesse.

Agradei a informação, me recompus da aceleração e olhei em direção ao caixão. A Loreni estava ali em pé, me chamando e agradecendo minha presença. Confesso que um ar gelado percorreu meu corpo. Titubeei e pensei: vou?

Respirei fundo e parti para cumprimentá-la quando desfiz o mal entendido. Era a mãe dela, de 94 anos. Loreni tem uma filha que eu imaginei que também se chamasse Loreni, daí a confusão. Com todo o respeito, voltei para o meu carro feliz como um passarinho.





Artigo

ALZHEIMER, a assombração dos idosos

Paulo Cesar Naoun

Cadeira 39



A doença de Alzheimer foi descoberta no início do século 20, precisamente em 1906, e somente passou a representar preocupação médica e social quando o contingente populacional composto por idosos começou a aumentar, elevando também a frequência desta doença. Este aumento ocorreu inicialmente em países do primeiro mundo a partir dos anos 60, alertando os médicos para esta doença, e nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, sua importância médica e social tomou corpo a partir dos anos 90. Hoje se sabe que a doença de Alzheimer é a mais comum das demências neuro degenerativas, e se deve ao acúmulo de proteínas tóxicas no cérebro. Estas proteínas vão se depositando gradualmente ao longo de vinte anos, ou mais, no cérebro, interrompendo as transmissões de sinais biológicos entre neurônios e dificultando comandos básicos como visão, comunicação e localização espacial, entre outros.

Por outro lado, a toxicidade do cérebro também se deve ao acúmulo dessas proteínas tóxicas entre os vasos sanguíneos que transportam oxigênio para os neurônios, “espremendo-os” e impedindo a oxigenação ideal destas células. Portanto, a diminuição de transmissão de sinais entre neurônios e o seu enfraquecimento fisiológico por conta da baixa oxigenação é provavelmente a causa das diversas alterações patológicas que vão se somando nesta doença com o passar do tempo desde seu início.

Recentemente as pesquisas em neurobiologia estabeleceram três causas básicas. A primeira causa, portanto, a mais comum, atinge entre 80 e 90% das pessoas e é adquirida por hábitos não saudáveis (por exemplo: tabagismo) e situações patológicas que causam lesões vasculares por longos períodos, por exemplo: colesterol cronicamente elevado, doenças autoimunes,



tromboses e diabetes não controladas, principalmente. A segunda causa é de origem constitucional da pessoa, afeta 5 % dos casos de Alzheimer, e se deve à baixa imunidade crônica que atinge as células que fagocitam as proteínas tóxicas do cérebro. A terceira causa é de origem genética e é responsável também entre 10 e 20% dos doentes de Alzheimer por diminuição da capacidade da proteína APO-E4, entre outras, em bloquear a ação das proteínas tóxicas. Ainda como terceira causa de ordem genética desta doença há a trissomia do cromossomo 21, frequente em pessoas com síndrome de Down.

Depois desta breve introdução, segue um resumo sobre informações importantes para o conhecimento geral, e que certamente poderá auxiliar as pessoas a conhecerem melhor esta doença que está nos assombrando cada vez mais.

Importante saber:

- 80 a 90% desta doença ocorre em pessoas com idade acima de 65 anos e é conhecida por doença de Alzheimer senil; quase a totalidade destes casos se devem às causas adquiridas acima especificadas, e algo próximo de 5% à deficiência imune de células que fagocitam as proteínas tóxicas.
- 10 a 20% desta doença ocorre em pessoas com idade abaixo de 65 anos e é conhecida por doença de Alzheimer precoce; quase a totalidade destes casos se devem às causas genéticas e cerca de 5% também se deve à deficiência imune.

Independentemente da idade, a doença de Alzheimer começa a ser percebida por fases de alterações de comportamento e são classificadas em inicial, moderada, grave e terminal, conforme segue:

1. Fase inicial: se dá quando a pessoa tem alterações de visão de cores e de profundi-

dade, perda de memória, e momentos de incapacidade de localização espacial.

2. Fase moderada: se dá na sequência da fase acima e se manifesta por dificuldades em falar ou de se expressar, de planejar, de criar, e se acentua com a insônia.
3. Fase grave: ocorre ao longo de meses ou anos após a fase moderada e se caracteriza por resistência e agressividade em aceitar tarefas comuns do dia-a-dia, por exemplo, banho, diálogo e exercício físico, principalmente. Esta fase se acentua no momento que o doente passa a ter dependência para higiene pessoal e alimentação.
4. Fase terminal: ocorre quando o doente se torna restrito ao leito, se recusa a falar ou comunicar. Nesta fase o sistema imune se torna muito fraco principalmente por conta da alimentação desregulada e da diminuição do comando sensorial orgânico, culminando com constantes infecções que são as causadoras principais de óbitos.

Até o momento não há medicações curativas para esta doença, destacando-se que a prevenção ainda é o melhor caminho e deve ocorrer antes da quarta década através de hábitos e alimentação saudáveis.

Este artigo foi redigido durante minha recente passagem pela Universidade de Cambridge, Inglaterra, onde esta doença está sendo estudada e discutida com profundidade. Uma das possíveis possibilidades que está sendo pesquisada aqui é a busca de drogas que possam limpar as proteínas tóxicas que afetam o cérebro, impedindo a progressão da doença.

Obviamente são experimentos que podem levar anos, mas que representam auspicioso progresso no combate à doença de Alzheimer.



Artigo

Água Subterrânea: uma riqueza a ser explorada na região

Samir Felício Barcha

Cadeira 05

A pesquisa de água subterrânea na região norte-ocidental do estado de São Paulo (Fig. 01) tem revelado inúmeras ocorrências de águas bastante mineralizadas e com a presença de minerais raros e de ação medicinal. Estas características conferem a estas águas o caráter de água mineral, conforme a legislação em vigor.

Entre essas características podemos citar valores elevados de pH (sempre acima de 9,00 não raro atingindo 10,50 ou pouco mais); sólidos totais dissolvidos acima de 120 mg/L; teores elevados de carbonatos/bicarbonatos, de sílica, de condutividade elétrica, de fluoretos e de sulfatos. Em muitos casos, os valores de fluoretos e de sulfatos atingiram níveis altíssimos, superando 10mg/L e 500 mg/L respectivamente (Tab. 01).

Destaca-se a ocorrência de vanádio, muitas vezes surpreendentemente, com valores não encontrados na literatura mundial. Esse fato é dos mais importantes, em se tratando de um mineral raro em água subterrânea e com ação medicinal extraordinária, como são as ocorrências das localidades de Poloni (0,133mg/L), Potirendaba (0,138mg/L), Ubarana (0,11mg/L) e Santa Albertina (0,45mg/L).

Na cidade de Toledo, Paraná, existe uma ocorrência de Vanádio na água mineral Sferriê. A concentração do mineral nessa água é de 0,34 mg/L, sendo considerada uma das maiores concentrações em todo mundo. Conseqüentemente, as ocorrências de Vanádio, registradas em nossa região, também se classificam entre as maiores



do mundo, destacando-se o caso de Santa Albertina, com 0,45 mg/L, superando a própria Sferriê.

A presença de pH elevado, bem como altas concentrações de Fluoretos, Sulfatos e Sólidos Totais Dissolvidos (TDS) podem ser utilizados como ferramenta na pesquisa de água subterrânea de natureza verdadeiramente mineral. Na Tab. 01, relacionamos algumas ocorrências de água subterrânea na região, com a presença de um ou outro desses indicadores. Não possuímos dados de sua composição química mais ampla, mas essas evidências aqui apontadas permitem concluir pela existência de águas minerais na verdadeira acepção do termo.

Assim sendo, toda a região norte-ocidental do Estado de São Paulo pode ser uma província hidrogeológica com águas minerais de tipo raro e de ação medicinal incomum e com um potencial sócio-econômico dos maiores.

Fig.01

Região Noroeste do Estado de São Paulo



Foto: divulgação / acervo do autor

Tab. 01
Relação de minerais com elevadas concentrações em água subterrânea na região Noroeste do Estado de S. Paulo

Local	Vanádio (mg/L)	Condutividade elétrica μ S/cm	pH	Fluoretos (mg/L)	Sulfatos (mg/L)	Sílica (mg/L)	Cloretos (mg/L)
Guaracy	-	898	9,68	2,80	14,40	-	-
Guzolândia	-	350	8,40	1,64	-	75,0	-
Indiaporã	-	650	8,70	1,20	134,0	51,0	-
Nhandeara	-	-	-	1,52	-	-	-
Riolândia	-	710	9,45	10,20	188,0	39,0	-
Santa Albertina	0,45	680,0	12,10	1,434	12,24	-	-
Sto Antônio da Posse	-	550	8,50	9,00	148,0	-	-
Sta Fé do Sul	-	-	8,20	10,20	-	-	-
Paulo de Faria	-	-	-	4,92	-	-	-
Icem	-	-	-	5,10	-	-	-
Gastão Vidigal	-	-	-	4,40	-	-	-
Adolfo	-	-	9,68	-	-	-	-
Mira Estrela	-	-	-	2,00	-	-	-
Ubarana	0,11	400,00	11,0	0,523	8,688	45,20	-
Potirendaba	0,138	-	9,38	0,16	5,15	-	0,82
Ibirá	0,07	411	10,20	0,45	38,47	36,0	-
Poloni	0,133	530	10,1	0,28	6,90	-	0,44
Poços-Rio Preto	< 0,05	400	9,6	0,50	10,0	60,0	-
Sferriê- Toledo- Pr	0,34	327	10,0	0,33	0,28	-	-
Palmeira D'Oeste	0,0912	-	9,25	0,372	-	-	-
Santa Albertina	-	-	10,61	-	-	-	-
Cardoso	-	-	7,52	8,806	1742,64	31,84	256,908
Fzda S.Luiz. Limeira D'Oeste. Rio Paranaíba.	-	-	9,44	8,244	995,622	-	83,200

Foto: divulgação / acervo do autor



Entrevista

Entrevista com o Acadêmico Lamartine de Andrade Lima

Minha distinta e muito simpática Jornalista Luciana Araújo, quero lhe agradecer o especial convite para ser entrevistado pela famosa Revista *Jurema*, um dos orgulhos da imprensa recifense e nordestina, neste dia de maio do ano de 2023, sobre como sinto a nossa Gravatá, cognominada a pernambucana Cidade Bonita.

Vejo também uma ótima oportunidade para colaborar com a Revista *Kapiiuara*, da minha Academia Rio-Pretense de Letras e Cultura, um dos orgulhos do mundo intelectual do Estado de São Paulo.

Primeiro, temos que considerar que a cidade de Gravatá é geograficamente situada na Serra das Russas (antiga das Ruças, quer dizer neblinas), o primeiro patamar da Cordilheira da Borborema (em tupi, de onde borbulham águas), que atravessa grande parte do Nordeste Brasileiro, e fica em plena Sub-região do Agreste, entre as Sub-regiões da Mata Norte e da Mata Sul do Estado de Pernambuco, e em um dos doze municípios do Vale do Rio Ipojuca (em tupi, rio turvo), por isto, no passado, início do século XVII, apenas só pôde ser primeiramente alcançada, pelos que vinham do litoral, distante menos de cem quilômetros, através deste curso d'água e do Capibaribe (em tupi, rio das capivaras, comedoras de capim), e pelos que vinham do interior, os boiadeiros e vaqueiros oriundos dos sertões da Bahia, da Casa da Torre de São Pedro de Rates de Tatuapara, ou Castelo ou Forte de Garcia D'Á-



Foto: divulgação

vila, que escondia ser filho bastardo do primeiro Governador-Geral do Brasil, Tomé de Souza.

Assim, Gravatá, naqueles tempos idos, foi iniciada na Civilização do Couro, entre a Civilização do Algodão, ao norte, atravessada pelo Rio Capibaribe, e a Civilização do Açúcar, ao sul, atravessada pelo Rio Amaraji (em tupi, rio das chuvas), nas respectivas sub-regiões vizinhas, ocupadas pelos pioneiros desbravadores das elevações da então chamada Serra Comprida (depois, das Ruças, hoje Russas), até o altiplano dos campos de criatórios de Bezerros, onde, em uma vasta área coberta pela vegetação de gravatás e juremas, habitavam os nativos Coropotós ou Carapotós, e os advindos se integraram com os indígenas, havendo sido construída a fazenda de gado que ganhou o nome de Gravatá, evoluiu para povoado e vila





e, mais tarde, cidade, em que os aborígenes deixaram mínimos sinais genéticos numa população bem mesclada de poucos afro-negros e maioria euro-brancos, constituindo hoje, basicamente, um tipo humano curioso, de pele morena, cabelos ondulados castanhos a castanho-claros, olhos castanhos a castanho-esverdeados, estatura mediana, musculoso, inserido na agricultura básica da alimentação nordestina e pequeno criatório, atividades que têm evoluído com a chegada de nova tecnologia, trazida por investidores forasteiros atraídos pelo bom clima e o panorama serrano, entretanto sem haver ainda indústrias notáveis nem estabelecimentos universitários, embora existam progressos na construção de numerosos condomínios e renomados haras nas cercanias.

Na centúria que decorreu entre o final do século XVIII e o término do século XIX, o desenvolvimento civilizacional da comunidade de Gravatá foi muito lento, típico de uma vila rural nordestina brasileira, onde construíram capela, depois igreja, mais tarde prédios públicos.

Nas últimas décadas dos 1800, o governo imperial brasileiro, depois da visita do Imperador Dom Pedro II ao Nordeste do País, decidiu construir uma ferrovia do litoral pernambucano até o sertão, entre outras planejadas, e fez acordo com firma inglesa de engenharia especializada, então os trilhos atravessaram a Serra das Russas em pontes e viadutos e foram perfurados quatorze túneis antes da chegada deles a Gravatá, já no governo republicano.



Foto: divulgação



Foto: divulgação

Foi a ferrovia que naquela época atualizou a civilização citadina em boa parte do interior do nosso País.

Lembremos que, então, a cultura francesa da chamada “belle époque” predominava em boa parte do mundo e em decorrência influenciou de certo modo a cultura gravataense.

Com a implantação da estrada de ferro, Gravatá recebeu quem viria a ser o seu morador mais ilustre.

Foi ele o industrial Joaquim Didier do Rego Maciel, que, na década de 1890, se estabeleceu na cidade, construindo a sua notável bela residência e o seu grande curtume, que seria o mais importante do Norte e Nordeste do Brasil, e que foi durante alguns anos prefeito do município, para onde trouxe a, na época, modernidade da civilização.

Gravatá, a seiscentos metros de altitude, no cimo da serra, na beira do rio, cercada de vegetação, com a amplidão dos campos do altiplano, tornou-se referência nacional pelo seu clima, sendo, então, comparado ao de cidades como Petrópolis, Campos de Jordão, Nova Friburgo, Gramado e outras.



Contudo, seu desenvolvimento social e cultural, até meados do século XX, foi verdadeira e tradicionalmente rural nordestino, sem colônias de imigrantes estrangeiros como em outras regiões, malgrado a igreja matriz com sua alta torre sineira ao estilo italiano haver substituído a pequena igreja que sucedera a capela da fazenda onde a cidade começara, as construções de casas em estilo europeu, o aporte de educandários de freiras católicas, muitas oriundas de outros países, e pastores evangélicos, com seus templos, o aparecimento das emissoras de rádio, com as suas comunicações alcançando toda a população, e a instalação de um cineteatro, que impulsionaram a cultura gravataense.

Entretanto, chegou a Gravatá um funcionário público que era também teatrólogo, o coletor Osíris Caldas, com experiência de formar atores e apresentar peças bem sucedidas em outras cidades interioranas. Apaixonado por cenários e textos teatrais, formou na cidade grupo de atores que influenciaram a cultura artística e literária local, e esta, antes, já se expressava bem através dos artigos em jornais gravataenses e da capital pernambucana.

Com o aparecimento da televisão, houve igualmente uma transformação de costumes que, de certa forma, se contrapuseram aos hábitos rurais, o povo gravataense adaptando-se àquilo que a propaganda visual-auditiva ainda impõe.

Embora tenha havido a extinção da estrada de ferro, com as rodovias atuais bem pavimentadas até a capital, Recife, mais a crescente invasão da Internet e os meios de comunicação, o intercâmbio cultural é sensível, a cultura rural tradicional mesclando-se com a cultura cidadina moderna, o que se pode observar nas festas populares em áreas públicas gravataenses repletas de participantes.

Aqui em Gravatá, nos anos 1960, o movimento cultural literário mais “acadêmico” começou, curiosamente, quando um grupo de estudantes

pré-universitários passou a se reunir na casa comercial do pai de um deles, uma funerária, e entre urnas/caixões para defuntos conversavam sobre literatura, poesia e prosa, escritores nacionais e estrangeiros, cada um deles trazendo com grande entusiasmo novidades possíveis. Hoje, Ângelo Monteiro e Admaldo Matos, professores e escritores renomados, são titulares da Academia Pernambucana de Letras, e Lamartine Lima, apenas testemunha do tempo mas não participante direto, é ex-presidente da Academia de Letras e Artes do Salvador, na Bahia, e, na Academia de Letras e Artes de Gravatá-PE, titular da cadeira cujo patrono é o seu saudoso pai e fundador daquela Casa Literária, o poeta José Lamartine de Andrade Lima.

No final do século XX acabara de me aposentar como oficial superior médico da Marinha do Brasil e médico legista do Estado da Bahia, do qual sou Cidadão Baiano conforme documento unânime da Assembleia Legislativa, e professor universitário de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, e estava propenso a continuar na cidade do Salvador, frequentando as diversas instituições culturais das quais sou membro, como o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do qual fui secretário-geral, e eventualmente escrevendo e publicando pequenos ensaios, inclusive em outras unidades universitárias e acadêmicas brasileiras, como sempre fiz.

Minha família ancestral é daqui de Gravatá, pleno Agreste, mas vinculada à Civilização do Açúcar, pelos engenhos de cana que possuía no vizinho município de Amaraji, plena Mata Sul, e quando as usinas de açúcar entraram no negócio açucareiro, fazendo um produto mais refinado e barato, a nossa economia familiar faliu, e os numerosos descendentes se dispersaram para ganhar a vida.

Por motivo das atividades comerciais do meu Pai, nasci em Maceió-Alagoas, cresci entre Campina Grande-Paraíba, Natal-Rio Grande do Norte, Recife- Pernambuco, Gravatá-Pernambuco, Sal-



vador-Bahia, Senhor do Bonfim-Bahia, Petrolina-Pernambuco, conhecendo, assim, boa parte do Nordeste, e concluí minha formação superior na Primaz Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, onde hoje tenho o título de Professor Honorário.

E a vida me ofereceu a oportunidade, através da Marinha do Brasil, de igualmente conhecer meio-mundo, o que foi complementado, depois de receber dois prêmios de loteria Mega Sena do Natal de 1997 e do Natal de 1998, por algumas belas viagens internacionais de turismo de luxo, primando pelas viagens guiadas de cunho cultural, apenas não visitando o Extremo Oriente.

Sempre vim periodicamente a Gravatá rever a família.

Decidi ficar aqui quando vi meu Pai nonagenário, leitor inveterado, vivendo feliz, que mais tarde terminaria os seus dias tranquilamente, o seu féretro conduzido pelos seus quatro filhos doutores e professores; e, vinte anos depois, também minha Mãe acima de centenária.

Hoje residente na Mansão Vovó Lia (casa onde morou dezenas de anos minha saudosa avó paterna), na qual estamos agora, tenho a satisfação de, já octogenário, estar envolvido nos prazerosos trabalhos da Academia de Letras e Artes de Gravatá e do Instituto Histórico, Arqueológico e Geográfico de Gravatá, preparando a Semana da Cultura, Literatura e Artes de nossa cidade, e esperando para participar da próxima Bienal do Livro no Recife 2023.



Kapiiuara

Sua revista cultural.



<https://arlec.com.br/>



Crônica

O caçador de leopardas

Lelé Arantes

Cadeira n° 18

Aquela foi uma época muito doida na minha vida. Tinha entrado na casa dos vinte anos, com muitas dúvidas na cabeça e muita esperança no coração. As dúvidas eram bem maiores que as esperanças. Como quem tem bicho no corpo inteiro, eu não parava em lugar algum. Tinha sede, fome e desejo de conhecer lugares e pessoas. Era faminto de conhecimento e de aventuras. E leitura aos montes. Era um tempo em que os livros eram devorados com ganas de Pantagruel. A única coisa que me oferecia quietude eram os livros.

Um dia de manhã, quando caminhava de um emprego para o outro – a noite, eu trabalhava na Padaria Super Pão e, de dia, na distribuidora Copagaz, na esquina da Philadelpho Gouveia Neto com a Primeiro Mestre, bem defronte à ponte Maria Benta –, enfiei na cabeça que estava na hora de ir embora de São José do Rio Preto. Havia nove meses que tinha trocado a mesmice maravilhosa de Cosmorama pelo ritmo de cidade grande que era São José do Rio Preto.

Era como se eu estivesse perdido no mundo, e milhões de pensamentos fofocavam entre si turbinando minha mente. Vida real, personagens livros, histórias, ficções, sonhos e solidão eram liquidificados e evaporados segundo a segundo, diuturnamente. Ainda não havia me encontrado. Queria ser escritor. Queria ser poeta. Queria ser um pu-

nhado de coisas. Guerrilheiro sandinista nas florestas da Nicarágua. Ou, quem sabe, um ativista (ainda não usávamos essa palavra) em alguma comunidade eclesial de base. Até missionário comboniano sonhei ser.

Talvez por tudo isso, ou por nada disso, naquela manhã decidi partir. Escolhi o Norte. Pará era o mais perto que eu podia imaginar da Nicarágua! E quando você toma decisões, por mais estapafúrdias que sejam, algo acontece. Naquele mesmo dia, comecei a maquirar em como fazer para pegar a estrada. Serrarias, pensei comigo. Nem sei como essa ideia veio na cabeça. Eu sabia que as empresas que vendiam madeira compravam de serrarias do Norte. Liguei na primeira e me deram o telefone de uma que precisava de alguém. Liguei lá e fui convidado para uma entrevista no dia seguinte. Tudo aconteceu em menos de vinte quatro horas e, cinco dias depois, estava eu enfurnado em uma serraria no meio do nada, entre Marabá e Jacundá, na margem direita do rio Tocantins. E quinhentos quilômetros mais perto de Belém, onde havia navios...

Na minha bagagem, havia uma máquina de escrever portátil, uma mochila com poucas roupas e uma mala com muitos livros. Minha biblioteca ambulante. Talvez uns vinte livros, pouco menos. Dentre eles, dois de contos marcaram meu exílio paraense. *Dublinenses*, de Joyce. *As Leopardas*, de Ro-





berto do Valle. Os dois foram presentes. Eu os li, reli e reli novamente, muitas vezes à luz de vela, porque o motor que fornecia energia era desligado às 22 horas. Aliás, eu era o desligador. Uma das minhas funções era dar luz ao minúsculo povoado do Km 41, a menos de sete quilômetros do povoado maior, Ipixuna.

Quando a luz apagava, sob a proteção do mosquiteiro, continuava a minha leitura observando os tresloucados voos das muriçocas em busca de meu sangue jovem. Na cabeceira da cama, o rádio sintonizado na Rádio Nacional de Brasília, que tinha programação especial para o Norte do país, ou na Voz da América e, às vezes, na Rádio Moscou, que oferecia programas musicais eruditos. E livros.

O interessante é que li *As Leopardas* sem conhecer o autor, portanto, despido de preconceito e sem reservas. Talvez, se soubesse que era um rio-pretense, eu tivesse torcido o nariz. Como eu ousaria colocar no mesmo panteão Roberto do Valle, Joyce e Hemingway? Nos últimos meses, eu havia lido todos os livros de Hemingway que havia na biblioteca da Praça Cívica, em Rio Preto. Estava fascinado com ele. Logo depois, eu entraria na fase de Steinbeck e Scott Fitzgerald, antes

de conhecer os russos. Mas foi a leitura de *Dublinenses* que preparou meu espírito para apreender *As Leopardas*.

Hoje, quarenta anos depois, tenho a compreensão de que, internamente, eu adotei o pai caçador de leopardas como meu pai. Eu senti naquele personagem que o autor criou o pai que eu gostaria de ter tido. Um pai que lesse para os seus filhos mesmo após um cansativo dia de trabalho, carregando e descarregando caminhões ou no cabo da enxada. Queria ter caçado palavras ao lado do meu pai, como aquele pai caçava para os seus filhos as leopardas. Essa é a magia da leitura, levar o leitor ao devaneio, amalgamar na alma uma história jamais esquecida.

O exílio voluntário me fez bem. Escrevi alguns contos e muitas poesias que ninguém leu. Agora, com os poucos cabelos encanecidos que me restam, ainda continuo procurando leopardas tal como quando tinha abundante cabeleira negra e cacheada à Sidney Magal: as palavras. Reverencio as leopardas, elas me fizeram voltar e me tornar quem eu sou. Não foi Joyce, nem Hemingway que me inspiraram, e sim um autor rio-pretense, um caçador de palavras ou, como ele se definia, um desbastador de palavras, chamado Roberto do Valle.



R

elação de integrantes da ARLEC

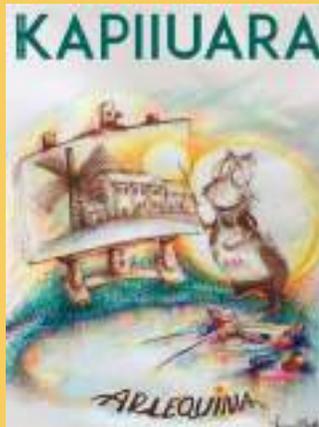
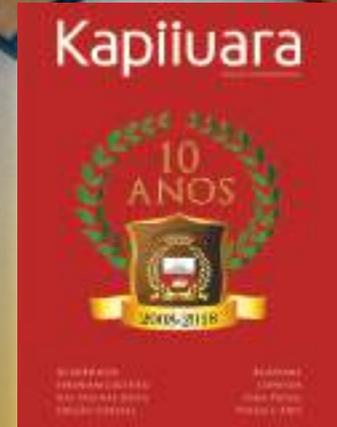
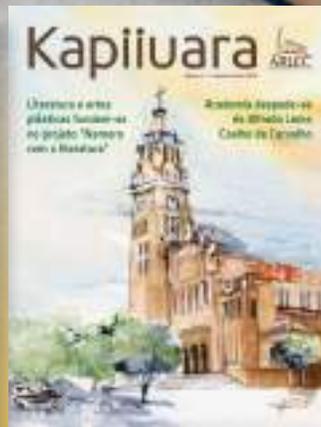
Em negrito: patronos atuais.

Os demais: ocupantes de cadeiras cujos patronos faleceram.

1. **Romildo Sant´Anna**
2. Patrícia Reis Buzzini (Patrono: Alfredo Leme Coelho de Carvalho)
3. **Agostinho Brandi**
4. **Araguaí Garcia**
5. **Samir Felício Barcha**
6. **Cecília Demian**
7. **Salvatore D´Onofrio**
8. **Lelé Arantes**
9. **Wilson Daher**
10. **Maria Helena Curti**
11. Elma Eneida Bassan Mendes
(Patrono: Domingo Marcolino Braile)
12. **Jocelino Soares**
13. Cleber Junio Falquete
(Patrono: Zêqui Elias)
14. Norma Vilar
(Patrono: Antonio do Nascimento Portela)
15. Pérsio Marconi (Patrono: Edson Vicente Baffi)
16. **Luiz Dino Vizotto**
17. **Dulce Maria Pereira**
18. **vaga**
19. Loreni Fernandes Gutierrez
(Patrono: Alexandre Caballero)
20. Aguinaldo Gonçalves
(Patrono: Guillermo de la Cruz Coronado)
21. **vaga**
22. **Waldner Lui**
23. Ângelo Soares (Patrono: Jayme Signorini)
24. **vaga**
25. **vaga**
26. Eudes Quintino de Oliveira Junior
(Patrono: Adib Abdo Muanis)
27. **Antonio Manoel Santos Silva**
28. **José Luiz Balthazar Jacob**
29. **Rosalie Gallo y Sanches**
30. **Humberto Sinibaldi Netto**
31. **Hygia Therezinha Calmon Ferreira**
32. **Lézio Júnior**
33. **Paulo César Naoum**
34. **Vera Márcia Paráboli Mllanese**
35. **vaga**
36. Nídia Puig Vacare Tezine
(Patrono: Nivaldo Paschoal Carrazone)
37. **vaga**
38. **Paulo de Tarso**
39. **Araceli Chacon Sobrinha**
40. **Sônia Oliani**
41. Toufic Anbar Neto
(Patrono: Antonio Carlos Del Nero)
42. **Antonio Florido**
43. **Paulo Coelho Saraiva**
44. **Alberto Gabriel Bianchi**
45. **João Roberto Saes**

Revista Kapiiuara

Aponte a câmera ao QRCode e leia a sua Kapiiuara predileta!



Ponto Final

CONSELHO EDITORIAL

O espaço dedicado ao Ponto Final nem sempre representa a finalização de um trabalho. Na realidade, sugere uma continuidade que vai se desenvolvendo e produzindo resultados cada vez mais compensadores.

Após passar por todas as páginas desta edição o leitor irá se encontrar diante de um caleidoscópio cultural, de múltiplas produções, e que, conforme a movimentação feita, irá refletir a arte em variados matizes, formando um todo harmônico, correspondente ao ambicionado padrão das Belas Artes.

Para aquele que sabe saborear uma agradável leitura ou fazer incursões no mundo da arte vai deparar com uma solidariedade de estímulos criativos e concluir que a academia é o local de longo aprendizado, de continuidade constante, sempre em busca do aperfeiçoamento visando alcançar a tão almejada maturidade intelectual. Como enfatizou Domenico De Masi, são tantos os lugares que até no ócio pode ser encontrada a arte, a criatividade e a busca da liberdade.

A cultura, a sabedoria e as experiências acumuladas são refletidas em todas as obras demonstrando o denodo esforço de cada acadêmico para compor com esmero seus trabalhos e, o mais importante – apesar de se respeitar o

avanço até certo ponto desmedido da tecnologia – deixa aflorar o trabalho que emerge da fonte criativa humana, sem qualquer participação do perigoso concorrente ChatGPT, representativo da inteligência artificial.

É o que se podia esperar de uma edição comemorativa em homenagem aos 15 anos da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, carinhosamente abreviada para ARLEC. Desde seu nascedouro carrega a chama de privilegiar e difundir o mundo das letras e das artes em todas as dimensões na construção de um valor paradigmático. A bandeira da Academia tremula com os ventos de um horizonte de criação. Vale aqui lembrar o aforismo de Bernardo de Chartres: *mundus senescit*, no sentido de que a vida vai passando e todo aquele que chega à Academia, o mais jovem, vai se inspirar no mais velho e com ele aprender ainda mais as letras e as artes carregando sempre um motriz inovador. E assim nascem novos gigantes, como acentua Umberto Eco em sua obra *Nos Ombros dos Gigantes*.

Parabéns para a Academia – local de acolhimento – e que suas metas continuem a difundir cada vez mais as comunidades literária e artística de todos os rincões.

Conselho Editorial